



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUANA SILVA SOUZA

**CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: MEMÓRIAS DE
UMA EX-ALUNA (1968 - 1978)**

**NATAL/RN
2023**

LUANA SILVA SOUZA

**CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL:
MEMÓRIAS DE UMA EX-ALUNA (1968 - 1978)**

Monografia apresentada ao curso de graduação de Pedagogia Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**NATAL/RN
2023**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Souza, Luana Silva.

Cultura escolar da Escola Doméstica de Natal : memórias de uma ex-aluna (1968 - 1978) / Luana Silva Souza. - 2023.
72 f.: il. color.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Curso de Pedagogia. Natal, RN, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto.

1. Escola Doméstica - Monografia. 2. Cultura escolar - Monografia. 3. Educação feminina - Monografia. I. Pranto, Aliny Dayany Pereira de Medeiros. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE CDU 37.014.511.3

LUANA SILVA SOUZA

**CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: MEMÓRIAS DE
UMA EX-ALUNA (1968 - 1978)**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Gillyane Dantas dos Santos

Prof^ª. Me^a. Marianna Carla Costa Tavares

À Marcelo Luan Lopes de Souza (*in memoriam*),
meu primo e anjo que há quatro anos nos deixou,
mas será sempre minha inspiração eterna de força
e luta.

“Andei falando de Você
Andei mostrando o que o amor fez em mim
E eles perguntaram que Deus é esse e onde Ele mora?
E eu falei que você mora aqui
Que você mora em mim
(Trecho da música “Casa”, de Hugo Santos)

Ao autor de tudo, a Ele que me amou desde o ventre da minha mãe, ao escritor da minha história, por cuidar de mim até a finalização deste curso e por me fazer entender que tudo era um propósito. Obrigada, Deus.

À minha mãe, Anacilde, que abdicou de toda sua vida pela educação dos dois filhos mesmo sendo tão nova, que esteve comigo em todos os momentos, que viveu minhas angústias e dores, que me fez acreditar em um futuro melhor mesmo tendo todas as possibilidades de desistir. Mainha, é por você.

Ao meu pai, Antônio Raimundo, meu maior incentivador, aquele que me defende com unhas e dentes, que faz de mim sua princesa, que adora falar “minha professora” e vive meus sonhos junto comigo. Painho, é por você.

Ao meu irmão, Leandro, pessoa responsável pela escolha deste curso, que soube ser irmão e ao mesmo tempo pai para me guiar no bom caminho, que me escolheu durante uma fase difícil, que lembrou de mim para poder seguir, que acredita em mim e me deu o melhor presente do mundo, minha Ana Luísa, e, com ela, também ganhei uma cunhada muito especial, Thatiane Karine. Meu irmão, é por você.

Ao meu namorado, Igor Pegado, um dos homens de coração mais lindo que já conheci, que viveu toda esta trajetória comigo, que também abdicou de muitos momentos para poder me ajudar, que me incentiva todos os dias, que ouviu todas as minhas angústias e felicidades durante quatro anos. Meu amor, também é por nós.

À família Souza, em especial às minhas primas, Hylkaely Allana, Pâmela Laís, Melissa e Camilly, minha tia, Aldenize, meu padrinho, Marcos Antônio, e minha comadre, Ana Keila. Obrigada por sempre se orgulharem de mim.

À família Lima Silva, em especial a minha madrinha, Maria Jocelina, meu tio, Delson, e minha avó, Maria Gualberto (*in memoriam*), pessoas que também fizeram parte da minha formação.

À família Pegado, em especial a Jaira Pegado, dona Francisca e Thiago Pegado, obrigada por me acolherem como parte da família e me incentivarem tanto durante este processo.

Às minhas amigas do Ensino Médio, Isa Carla (madrinha de Crisma), Ellen Lopes, Iris Galdino, Márcia Virgínia e Maria Beatriz, que são presentes e não me deixaram cair, que também serão excelentes profissionais. Obrigada por tudo!

Aos amigos que fiz no Segue-me da igreja Santuário Nossa Senhora da Esperança e aos que fiz no Desafio Jovem da igreja de São Sebastião. Obrigada por me acolherem como sou e me encorajarem na fé.

À minha orientadora, Aliny Pranto, atual coordenadora do curso de Pedagogia Presencial. Obrigada por acolher meu tema com tanta empolgação, por me fazer acreditar na educação e me apaixonar pelo ensino de História. Você é um dos exemplos que desejo seguir.

À Mônica Reis, por participar da entrevista e compartilhar suas memórias tão significativas que deram fundamento principal para este estudo.

À Escola Doméstica de Natal, atual Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC, por me auxiliar nas investigações do tema e me acolher sempre com muito carinho.

Ao Colégio CEI, por me formar enquanto professora e me conceder tantas oportunidades na área da educação. Em especial, aos professores Aline Pereira, Isabelle Sena, Matheus Vitor, Nayara Ramalho e Raissa Nayedja, profissionais que tanto me inspiro.

À UFRN, em especial ao Centro de Educação e a todos os colegas que fiz ao longo deste percurso, lugar que me formou enquanto Pedagoga;

À todas as ex-alunas que fizeram parte da historicidade da educação do RN.

Por último, e não menos importante, a mim, por ter coragem para enfrentar os percursos desta caminhada tão decisiva na minha vida, mesmo diante de uma realidade social tão difícil. À mim, mulher, filha, irmã, tia e professora.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos.”

(Isaac Newton)

RESUMO

A presente monografia apresenta o modelo de ensino da Escola Doméstica de Natal e traz uma análise sobre cultura escolar a partir das memórias de uma ex-aluna que estudou no colégio entre 1968 e 1978. Para tanto, a pesquisa se procedeu a datar da pesquisa bibliográfica nos sites do Repositório da UFRN e do BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, cujos resultados obtidos foram contemplados das palavras-chaves “Escola Doméstica de Natal” e “Educação feminina em Natal”. Tem como objetivo identificar a dimensão do ensino doméstico para o Rio Grande do Norte, a inserção da figura feminina na área da educação e a influência da cultura escolar na vida da ex-aluna entrevistada. Dessa forma, o trabalho está fundamentado com base nas concepções sobre cultura escolar de Julia e Munakata, além de Saviani sobre instituição escolar e Theodoridis sobre história pública. Justifica-se pela relevância do conteúdo no contexto histórico do desenvolvimento da cidade do Natal, no Rio Grande do Norte e pela contribuição no ensino de história, especialmente para pesquisas sobre história oral. Conclui-se que a entrevista pública traz para a pesquisa uma fundamentação mais validada no sentido de contribuir para a história oral, além de dar condições para reflexões e viabilidade para outras pesquisas dentro e fora do contexto educacional. É um estudo que discorre no campo da Cultura Escolar expressa pelas memórias de uma ex-aluna que vivenciou o currículo da Escola Doméstica de Natal em um período de regime militar no Brasil. Como fundamento, a pesquisa utiliza-se de conceitos sobre Escola Doméstica; Educação feminina; Cultura Escolar; Instituição Escolar; História Pública; História Oral; Entrevista Pública, Contexto Histórico; História; Afeto; e Mulher.

Palavras-chave: Escola Doméstica; Cultura escolar; Educação feminina; História Oral;

ABSTRACT

This monograph presents the teaching model of the Domestic School of Natal and provides an analysis of school culture based on the memories of a former student who studied at the school between 1968 and 1978. To this end, the research was based on bibliographical research on the websites of the UFRN Repository and the BDTD - Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, whose results were obtained using the keywords "Home School of Natal" and "Female education in Natal". It aims to identify the dimension of domestic education in Rio Grande do Norte, the insertion of the female figure in the area of education and the influence of school culture on the life of the former student interviewed. In this way, the work is based on the conceptions of school culture by Julia and Munakata, in addition to Saviani on school institutions and Theodoridis on public history. It is justified by the relevance of the content in the historical context of the development of the city of Natal, in Rio Grande do Norte and by the contribution to the teaching of history, especially for research on oral history. It is concluded that the public interview brings a more validated foundation to the research in the sense of contributing to oral history, in addition to providing conditions for reflection and feasibility for other research within and outside the educational context. It is a study that covers the field of School Culture expressed through the memories of a former student who experienced the curriculum of the Domestic School of Natal during a period of military rule in Brazil. As a foundation, the research uses concepts about Domestic School; Female education; School Culture; School Institution; Public History; Oral History; Public Interview, Historical Context; History; Affection; It's woman.

Keywords: Home School; School culture; Female education; Oral History;

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: A Escola Doméstica no dia da sua inauguração, 1914.	20
Imagem 2: Professora Noilde Ramalho.	22
Imagem 3: Frente atual da escola Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC.	23
Imagem 4: Mônica Reis no primário da Escola Doméstica de Natal.	32
Imagem 5: Turma de Mônica Reis em uma confraternização após vinte e cinco anos de conclusão do Ensino Médio.	33
Imagem 6: Turma da 3º série do Ensino Médio de 1978.	34
Imagem 7: Aula de Puericultura com as crianças sob a docência do Dr. Varela Santiago.	36
Imagem 8: Mônica Reis no desfile de 7 de setembro representando a ED.	38
Imagem 9: Mônica Reis, ao lado de suas colegas, posando para foto na ED com o fardamento branco.	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Planilha de revisão bibliográfica elaborada no Excel para a pesquisa.	25
Tabela 2: Roteiro para a entrevista pública com Mônica Reis, ex-aluna da ED.	29

LISTA DE SIGLAS

AEED	Associação das Ex-alunas
ED	Escola Doméstica de Natal
EDHC	Escola Doméstica/Henrique Castriciano
HC	Henrique Castriciano
LERN	Liga de Ensino do Rio Grande do Norte
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
RN	Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. BREVE RETOMADA HISTÓRICA SOBRE A ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	20
3. ESTADO DA ARTE	23
3.1 PERCURSO METODOLÓGICO	24
4. MEMÓRIAS DE UMA EX-ALUNA	25
4.1 QUEM É MÔNICA REIS?	26
4.2 A CULTURA ESCOLAR NA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

Eram quatro horas da tarde quando cheguei à escola para participar do processo seletivo para o cargo de Auxiliar de Sala. Logo quando entrei no estacionamento, percebi que era um lugar bem diferente do que eu estava habituada sobre um contexto escolar, já que o espaço arborizado era muito marcante e acabou me passando uma sensação de leveza e conforto. Em seguida, vi uma estátua bem grande que está centralizada na entrada da escola e que dá subsídios para a imagem que a instituição preserva, principalmente porque a própria fachada apresenta uma singularidade de casa, de residência e de família. Aos poucos, fui confirmando minhas ideias: parece mesmo uma casa.

Dentro da instituição, procurando pelo setor pessoal, fiquei muito curiosa para entrar naquelas salas e até mesmo para subir no primeiro andar, para ver o que tinha lá em cima. De cara, fui acolhida por uma mulher muito simpática que me direcionou para o processo seletivo e me pediu para aguardar. Aquela mulher era a diretora da escola, dona Lucilla Ramalho, a qual tive o privilégio de conhecer de perto suas práticas enquanto gestora e de construir um laço bonito de admiração, amizade e respeito. Aguardando para ser chamada, entendi que aquelas sensações eram quase que propositais, porque, de certa forma, aquele ambiente um dia foi “casa” para muitas pessoas, em especial para mulheres, e lá elas cresceram e passaram grande parte da vida. Na sequência, por felicidade, fui aprovada.

Às sete horas da manhã, do dia 20 de outubro de 2021, iniciei meu primeiro dia de trabalho: educação infantil, muitos brinquedos, parque amplo e uma equipe de coordenação e professores muito acolhedora. Atualmente, a escola conta com um quadro de professoras que, em sua maioria, fizeram parte da escola como ex-alunas, o que revela a preferência da instituição por profissionais que tenham mais experiência e se identifiquem com o perfil educacional exigido.

Como sempre fui muito curiosa, busquei prontamente saber as histórias das ex-alunas professoras e como a escola contribuiu para a formação delas. Todas contam com muita satisfação e relembram com muita saudade as vivências enquanto estudantes. Além disso, tive a oportunidade de trabalhar no setor administrativo e consegui compreender melhor como a Escola Doméstica de Natal surgiu, quais pessoas contribuíram para a educação e o contexto escolar e como a escola se organiza hoje.

Na secretaria, trabalhei com Adriana Tinôco, atual Secretária Escolar, que também foi ex-aluna e até referencia carinhosamente a escola como “casa”, sendo um termo bastante recorrente entre as pessoas que conheci que estudaram na ED. Nesse período, descobri, ao precisar emitir um histórico escolar para um ex-aluno, que até o ano de 2019 havia duas escolas separadas por sexo masculino e feminino.

Para localizar o histórico no arquivo físico, precisei entender que alguns alunos estão divididos burocraticamente por Escola Doméstica de Natal e por Complexo Educacional Henrique Castriciano. Até 2011, apenas meninas podiam ser matriculadas na Escola Doméstica de Natal na modalidade internato. Já no HC, meninos e meninas eram matriculados a partir do 1º ano da Educação Infantil. No tempo presente, as escolas foram unificadas e passaram a se chamar Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC, que contempla desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

O presente estudo tem uma importância significativa para a pesquisa sobre cultura escolar e instituição escolar, especialmente para a própria história do Rio Grande do Norte, na cidade do Natal. Em virtude do contexto dos anos de 1960 a 1980, quando o Estado passava por transformações econômicas, sociais, políticas e demográficas, a construção da educação doméstica de modelo europeu entra como um marco de introdução feminina na educação no sentido de sua influência na família e nos lares, além de impulsioná-la no trabalho de cuidado do lar e na transmissão de valores para construir o homem moderno.

Embora muitas mudanças tenham acontecido ao longo dos anos, inclusive a transferência da unidade escolar para o bairro do Tirol, o papel da academia ainda prevalece na influência em reformas sociais e em avanços políticos. Para compreender melhor, é preciso recorrer ao estudo sobre cultura escolar tendo em vista que grande parte da pesquisa percorre historicamente pela presença marcante da cultura desenvolvida até os dias atuais. Dessa forma, entendo que a melhor maneira de conceituar o termo parte de princípios relacionados ao entendimento de que toda e qualquer escola apresenta a sua própria cultura de regimento, sendo para este fim ou não. Para Chervel (1988), a instituição escolar pode ser concebida em duas vertentes, já que, para ele:

A escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade. Dito de outro modo, esse autor entende a cultura escolar como cultura adquirida na escola e encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem.

A organização da escola não fica restrita apenas ao sistema burocrático. As relações existentes nela são contempladas ao longo de todas as dimensões que a compõem, principalmente nas práticas pedagógicas e na gestão administrativa. Pensando nisso, se qualquer instituição de ensino possui suas particularidades, então, existe uma dinâmica interna regida por valores e ações que fazem parte da singularidade que a escola acredita e segue como princípios. No caso da ED, existiu uma cultura escolar bastante pertinente com relação ao tempo de permanência na escola, no modelo de grade curricular com uma carga horária maior, nas formas de se comportar das alunas, bem como na estrutura do corpo docente.

Por isso, a condução da análise deste estudo se estende pelas atribuições dadas ao próprio espaço em si, como diz Frago (1994), em que a instituição escolar está imersa nas relações sociais, considerada até mesmo uma organização antropológica de práticas cotidianas. Ao perceber a cultura como apropriação de espaço, observei que a cultura aparece nas ações do dia a dia da escola como elemento que norteia as linguagens de ensino e aprendizagem, as organizações curriculares e a própria gestão, tendo em vista que o modelo educacional utiliza estratégias para desenvolver e integrá-las na vida cotidiana dos alunos.

Como todo e qualquer ambiente escolar, a ED foi, para muitas mulheres, lugar onde passaram grande parte de suas vidas. Ao relembrar meu percurso escolar enquanto aluna da Educação Infantil até o Ensino Médio, entendo o quanto as escolas que passei me formaram de alguma forma para além da sala de aula, incluindo a influência dos costumes e da gestão de pessoas que estavam inseridas na construção do meu conhecimento. Lembro com muito carinho das diretoras que tive, das músicas que cantava, das conversas após as aulas tão intensas e duradouras, dos amigos que me ajudaram e da própria religião católica que fazia parte do meu cotidiano como acolhida na entrada dos alunos.

Nem sempre estive na mesma escola, mas, de certa forma, a minha família buscava me inserir em contextos que fizessem parte dos valores do meu ambiente familiar e do que meus pais acreditavam que era melhor para mim. Nesse sentido, pensando nas ex-alunas que faziam parte do internato, imagino o quanto tenha sido uma memória marcante a passagem pela ED, principalmente porque matriculavam-se meninas do Brasil inteiro, não era restrito apenas para o Rio Grande do Norte. Então, era um contexto que envolvia segmentos de outras realidades brasileiras, em plena época da ditadura militar, que se misturavam com a classe que tinha condições financeiras para estudar na ED. Mesmo sendo um ambiente que abrangia outras culturas de outros sujeitos, o propósito era um só: formar mulheres para serem excelentes donas

de casa. No entanto, as moças que tinham acesso a esse ensino faziam parte de um grupo social mais “elitizado”, um termo utilizado pela própria ex-aluna ao rememorar e se colocar enquanto sujeito naquele momento e na condição social.

Diante dessa realidade, o estudo sobre cultura escolar parte do pressuposto de que a escola não pode ser concebida apenas como lugar de construção de conhecimento, mas também como lugar de incorporação de conhecimentos, como cita Julia (2001, pág. 2). Ao se encaixar em um determinado contexto, sendo ele escolar ou não, posso afirmar que, à medida que começo a construir laços afetivos com as pessoas que norteiam este lugar, é muito provável que meus comportamentos possam ser moldados conforme o tempo passe. Na escola, portanto, não é diferente.

Ao passo que o comportamento pode ser transformado conforme o ambiente, existe a possibilidade de que o indivíduo também apresente resistência em relação ao contato com novos costumes. Para Julia (2001, pág. 36), “todos sabem que os professores não conhecem tudo o que se passa nos pátios de recreio, que existe, há séculos, um folclore obscuro das crianças”. É provável que tenha existido movimentos de resistência na ED por parte das internas, tendo em vista que nem todas as mulheres se identificavam com os afazeres domésticos ou cuidados com filhos, mas cursavam as disciplinas extracurriculares porque a família matriculou na escola.

A escolha pela instituição de ensino é um passo fundamental para a formação do indivíduo e, nessa perspectiva, é necessário, primeiramente, assimilar o conceito de instituição escolar. Para Saviani (2005),

Finalmente, a quarta acepção retém a idéia de coesão, de aglutinação em torno de determinados procedimentos (método); de determinados elementos distintos formando uma unidade (sistema); de certas idéias compartilhadas (escola, aqui, no sentido de um grupo de indivíduos reunidos em torno de um mestre ou orientação teórica, como nas expressões “escola filosófica”, “escola de Frankfurt”, “escola dos Annales”); de uma crença e rituais comuns (seita); ou de um conjunto coerente de idéias que orientam a conduta (doutrina).

A organização que se dá em torno de um ambiente conforme premissas e princípios de um determinado grupo social é vista como uma ação que foi institucionalizada, que foi instituída para uma finalidade. Nesse sentido, pensar sobre instituições é pensar sobre um espaço que se estrutura para uma necessidade humana, considerando que elas se sistematizam em conformidade com o tempo histórico; no entanto, elas também podem se manifestar como um lugar passível de transformações por serem voltadas para as necessidades sociais. Além disso, a lógica de uma instituição escolar é idealizada diante de um conjunto de relações sociais,

como foi o caso da formação da ED no nordeste brasileiro, em que a forma de se produzir o conhecimento através do educar doméstico foi tão marcante para Henrique Castriciano que ele fundamentou a ideia e criou a escola.

A monografia tem como objetivo identificar a dimensão do ensino doméstico para o Rio Grande do Norte, a inserção da figura feminina na área da educação e a influência da cultura escolar na vida da ex-aluna entrevistada a partir das memórias de Mônica Delgado Reis e Silva, que vivenciou todo regimento escolar entre 1968 a 1978 e possui um enorme orgulho em fazer parte da Associação das Ex-Alunas da Escola Doméstica de Natal, um movimento criado em 1945 pela ex-diretora Noilde Ramalho.

Por estar inserida no contexto da secretaria, pude vivenciar muitos momentos importantes de preservação histórica da ED, como a festa de aniversário da escola, cujas ex-alunas participam fielmente e adoram compartilhar suas experiências e histórias marcantes vividas durante a época do internato. Para participar da festa, elas precisam efetuar o pagamento na própria escola na secretaria, por isso, tive um contato maior que propiciou conversas bastantes enriquecedoras. Em muitos momentos, percebi nos diálogos um certo tipo de repulsão ao falar sobre como a equipe docente se portava diante delas e de alguns comportamentos que elas tinham que pareciam equivocados perante as diretrizes e princípios que regiam a escola.

O estudo que apoia esta monografia está organizado em cinco itens. No primeiro item, realizo uma breve retomada histórica sobre a origem da Escola Doméstica de Natal, a transferência da unidade para outro bairro, a sua função social para o contexto do RN, a participação e influência da ex-diretora Noilde Pessoa Ramalho e faço uma pequena síntese de como a escola está configurada atualmente.

No segundo item, elaboro uma abordagem acerca dos levantamentos de dados realizados sobre a instituição de ensino a partir de uma revisão bibliográfica realizada no site BDTD e no Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como marcadores “Escola Doméstica de Natal” e “Educação feminina”. Com base nos dados levantados, apresento o estado da arte afirmando que os resultados da pesquisa ainda é um campo pouco explorado no meio acadêmico no ensino de História em relação a área da educação.

No terceiro item, descrevo como se estruturou toda a trajetória da pesquisa e como a entrevista pública foi organizada para uma melhor contemplação do objetivo.

No quarto item, apresento a entrevistada Mônica Reis enquanto mulher, mãe e profissional e insiro sua trajetória acadêmica na ED com base nas suas falas.

No quinto item, desenvolvo uma análise mais aprofundada sobre as memórias de Mônica Reis em relação ao estudo sobre cultura escolar, desde sua chegada na escola até a saída, a fim de compreender a importância das suas vivências enquanto ex-aluna até os dias atuais.

2. BREVE RETOMADA HISTÓRICA SOBRE A ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Conhecer sobre a instituição de ensino que está sendo estudada torna a pesquisa ainda mais aprofundada em relação ao entendimento de como o modelo educacional doméstico chegou ao Rio Grande do Norte. A escola, em si, apresenta aspectos da época que fizeram parte do processo de urbanização da cidade do Natal, como a questão estética padronizada e o estilo de modelo arquitetônico vindo da Europa. Em meio a um contexto de intensificação do espaço urbano, surge uma pedagogia que impõe, tanto na forma organizacional quanto na própria construção da grade curricular, o lugar da mulher na educação em uma posição de interesse maior para a valorização do trabalho doméstico, sendo ele um ponto fundamental para a concepção do que é ser um homem moderno naquele período. Na imagem 1 está representada a visualização da fachada da escola em 1914 no dia de sua inauguração do prédio do bairro da Ribeira. É uma construção antiga marcada pelo rompimento do estilo neoclássico, principalmente por adotar formas retangulares.

Imagem 1: A Escola Doméstica no dia da sua inauguração, 1914.



Fonte: Barros (2000, p. 60 apud Tavares, 2017).

Com o objetivo de trazer mais referências sobre o desenvolvimento de ensino para mulheres adotado na Suíça, Henrique Castriciano de Souza, político e escritor brasileiro, irmão do político e jornalista Eloy de Souza (1873 – 1959) e da poetisa Auta de Souza (1876 – 1901), em uma de suas viagens para a Europa em meados de 1909, percebeu que a instrução

sistematizada dada às moças poderia auxiliar em grandes escalas, principalmente na esfera do poder público, na qual foi aceita de imediato pelo governo de Alberto Maranhão. Dessa forma, a iniciativa contou com o apoio até mesmo dos jornais, nos quais noticiavam com alegria a criação do novo projeto, como o jornal A República, em 1914, segundo Galvão, 2017 (apud de Miranda, 2021):

Está verificado que, dada a preponderância que tem a mulher na família, é muito mais vantajoso para as classes medianas que ela tenha o preparo suficiente para formar o espírito das filhas, dando-lhes, firmeza de vontade e a educação cívica indispensável à vida das nações. Foi pensando nessa missão educativa para uma finalidade racional econômica e política tão vasta que os fundadores da Liga do Ensino, organizaram a Escola Doméstica.

Segundo Barros (2000, pág. 51 apud Miranda, 2021, pág. 36), no dia 1º de setembro de 1914 estreava em uma cerimônia solene a inauguração da Escola Doméstica de Natal, tendo como primeira diretora a professora Helena Bondoc, além de contar com um grupo docente de professoras vindas da Europa para ministrar as aulas do internato e semi-internato e que buscaram se aproximar mais de algumas professoras de Natal no intuito de se familiarizar com o ensino natalense.

As professoras organizavam a rotina na escola dividindo entre cursos teóricos e práticos, cujas moças a partir de quinze anos aprendiam sobre alimentação, leiteria, lavar roupas, plantação, puericultura, higiene individual e conserto de roupa. Atrelado aos cursos, elas também tinham os componentes curriculares obrigatórios e comuns as demais escolas, como português, aritmética, história, geografia, ciências e inglês.

Como resultado, as moças tinham como formação um diploma intitulado por “Dona de casa”. A escola passou por muitas alterações desde a primeira diretora até a direção de Noilde Ramalho, no momento em que a mudança de diretorias europeias para a direção brasileira de ex-alunas trouxe o encontro da cultura natalense para o contexto da vida das alunas. Na imagem 2, Noilde Ramalho se apresenta como figura pública diante de um olhar bem marcante que revela austeridade, objetivo e segurança.

Imagem 2: Professora Noilde Ramalho.



Fonte: Barros (2000, p. 60 apud Tavares, 2017).

Nesse prisma, a instituição de ensino se desenvolveu por muitos anos impulsionada pela cultura do trabalho do lar guiado pela figura feminina. Noilde Ramalho percebeu que o bairro de Tirol estava mais atrativo para a localização e amplitude da escola, por isso, decidiu mudar-se da Ribeira até mesmo em virtude do apoio governamental que ela tinha para realizar a transição, embora a escola seja de caráter particular, O novo prédio foi doado, depois de muita luta, para que ela pudesse construir a nova escola, que é rodeado de árvores da vegetação da Mata Atlântica e é uma das escolas mais arborizadas de Natal. Além disso, sendo ex-aluna e professora em 1940, Noilde instaurou um colégio misto, denominado por Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1994, no qual incluía meninas e meninos, uma forma de resistir as premissas do ensino doméstico e viabilizar outros caminhos para a continuidade da formação feminina.

Noilde Ramalho foi uma figura tão importante para a história cultural, educacional e política da Escola Doméstica de Natal que foi homenageada pela escola ao mudar de nome para “Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC após seu falecimento diante de uma votação dos membros da LERN - Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, também implementada por ela.

Imagem 3: frente atual da escola Complexo de Ensino Noilde Ramalho EDHC.



Fonte: <https://cenr.com.br/sobre.html>.

A imagem 3 revela a entrada da atual localização da Escola Doméstica de Natal, situada na Av. Hermes da Fonseca, em Tirol. Em relação a primeira construção, destaco os traços arquitetônicos que foram mantidos para preservar a identidade visual da escola enquanto casa, embora exista um objeto a mais que é a presença da estátua.

3. ESTADO DA ARTE

Para organizar os processos metodológicos que subsidiam o estudo, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica a partir das palavras-chaves “Escola Doméstica de Natal” e “Educação feminina em Natal” nos sites do Repositório da UFRN e da BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Segundo Gil (2007), a pesquisa bibliográfica contempla melhor as investigações que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema. Dessa forma, utilizei a realização do estado da arte para fomentar a proposta da pesquisa com base nos conhecimentos dos pesquisadores e estudiosos que exploram a temática acerca da ED, da história oral e da educação feminina em Natal.

Diante desse cenário, os lócus das pesquisas que deram existência a esse banco de dados foram o Repositório da UFRN e o BDTD. Para estruturar uma melhor visualização do banco de dados, elaborei uma planilha no Excel dividindo os dois suportes de pesquisa em duas tabelas. Na tabela 1, os resultados sobre a Escola Doméstica de Natal estão separados por dois subgrupos: BDTD e Repositório da UFRN. Na tabela 2, seguindo a mesma linha de raciocínio, os resultados sobre a educação feminina em Natal também estão separados pelos mesmos subgrupos.

O Repositório da UFRN é um acervo digital de textos produzidos pela comunidade universitária, como docentes, técnicos e alunos de pós-graduação, usado especialmente para armazenar e preservar na internet o acesso livre. Além disso, a Resolução n° 059/2010-CONSEPE, de 13 de abril de 2010, foi criada para estabelecer normas sobre a Política Institucional de Informação Técnico-Científica, na UFRN.

A partir da primeira pesquisa, o acervo me disponibilizou uma lista de trabalhos que foram apresentados na linha de pesquisa sobre “”, a qual abrangeu um recorte temporal de 1990 até 2023, incluindo Trabalhos de Conclusão de Curso e Teses de Doutorado e Mestrado. No total, foram encontrados seis trabalhos acadêmicos sobre a ED. Com relação aos resultados sobre a educação feminina em Natal, o repositório me disponibilizou três trabalhos acadêmicos.

O site do BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações é um espaço usado para integrar os sistemas de informação de teses e dissertações do Brasil. Diante da pesquisa, o site me disponibilizou uma lista de trabalhos relacionados à “Escola Doméstica de Natal” datado de 2002 a 2023. Ao todo, foram encontrados cinco. Na área de Educação Feminina em Natal, encontrei cinco trabalhos acadêmicos.

A seguir, segue a planilha elaborada por mim para melhor organização da pesquisa, em que foi retirado o título de cada trabalho e o objetivo para inserir na coluna “conteúdo”.

Tabela 1: Planilha de revisão bibliográfica elaborada no Excel para a pesquisa.

TEXTOS SOBRE ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL			
BDTD		REPOSITÓRIO DA UFRN	
Título	Conteúdo	Título	Conteúdo
<u>O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-riograndense (1911 – 1961).</u>	Reflexão sobre a Matemática presente nas práticas educativas no âmbito da Escola Doméstica de Natal. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2020.	<u>“SERÃO PERFEITAS DONAS DE CASA E DISTINTAS MOÇAS DA SOCIEDADE”: A ESCOLA DOMÉSTICA EM UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES FEMININAS EM NATAL (1914-1945).</u>	Compreender como os discursos desenvolvidos pela Escola Doméstica sobre a escolarização das mulheres produziram sensibilidades acerca da feminilidade. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2021.
<u>Da necessidade de uma “nova” escola só para moças: Henrique Castriciano de Souza e a modernidade pedagógica norte-riograndense (1911-1923).</u>	Visa examinar o projeto de modernidade pedagógica engendrado por Henrique Castriciano de Souza (1874 – 1947). ANO DE PUBLICAÇÃO: 2016.	<u>A ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL/RN E O ENSINO DE PUERICULTURA NO CUIDADO COM A INFÂNCIA (1919/1929).</u>	Retrata a criação do Instituto de Puericultura da Escola Doméstica de Natal/RN e evidencia seus primeiros anos de atuação no cuidado com a infância (1919-1929). ANO DE PUBLICAÇÃO: 2021.
<u>O ideal social da escola doméstica/RN – relatos de uma memória.</u>	Discorre sobre a fundação da Escola Doméstica de Natal/RN e comprova o modelo de escola feminina a começar do estudo da Puericultura. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2021.	<u>A escola nova e o positivismo no currículo da escola doméstica de Natal/RN (1914-1944).</u>	Apresenta uma discussão sobre as transformações curriculares na instituição desde sua fundação até 1944. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2017
<u>“Um ninho de cozinheiras?": Henrique Castriciano de Souza e a</u>	Examinar como as ideias e a prática pedagógica de Henrique Castriciano de Souza	<u>Discurso do Dr. Varela Santiago na Festa de Diplomação da Turma 42 da Escola</u>	Discurso do professor da disciplina puericultura para a turma 42 da Escola Doméstica de Natal.

<u>modernidade pedagógica” da escola doméstica de Natal.</u>	circularam nos espaços de educação feminina no Rio Grande do Norte, particularmente na Escola Doméstica de Natal. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2015.	<u>Doméstica de Natal.</u>	
Da necessidade de um modelo suíço de ensino: aspectos modernos e práticas educativas na Escola Doméstica de Natal.	Investiga o contexto de criação e de implantação do projeto da Escola Doméstica de Natal, assim como suas práticas educativas, a partir de reflexões sobre o ensino de Matemática e as práticas relacionadas a ele. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2017.	<u>The conception of woman in Escola Doméstica de Natal’s curriculum (1914-1944) Research, Society and Development.</u>	Apresenta uma discussão sobre a concepção de mulher no currículo da Escola Doméstica de Natal, de 1914 a 1944. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2018.
		<u>INFLUÊNCIA DAS MISSIONÁRIAS PRESBITERIANA NO ENSINO DE ÁLGEBRA E DESENHO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL (1918 – 1924).</u>	Discute aspectos da influência da missão presbiteriana nas práticas educativas da Escola Doméstica de Natal, especificamente no ensino de álgebra e desenho. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2021.
TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO FEMININA EM NATAL			
BDTD		REPOSITÓRIO DA UFRN	
Título	Conteúdo	Título	Conteúdo
<u>REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFOP: Esbarrar no texto, esbarrar na vida : a escrita feminina como experiência e invenção para a formação docente.</u>	Aborda a questão da escrita feminina como experiência e invenção para a formação docente.	<u>PALMYRA WANDERLEY E A EDUCAÇÃO DA MULHER NO CENÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE (1914</u>	Tem o intuito de analisar a contribuição da escritora e jornalista Palmyra Guimarães Wanderley para a educação, ao longo de seus escritos no período entre 1914 a 1920.

	ANO DE PUBLICAÇÃO: 2016.		ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.
<u>Uma escola de graça, saúde e beleza: Natália Lessa, a dança e a educação da feminilidade</u>	Discorre sobre práticas no ensino da dança para meninas teriam proporcionado uma dada direção para educação da feminilidade em Belo Horizonte e se tornou referência representativa nessa ambiência. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2013.	<u>MARIA FRANCINETE DE OLIVEIRA</u>	Buscou-se conhecer as representações sociais que profissionais da saúde atuando nos programas de climatério e as usuárias desses mesmos serviços constroem a respeito desse objeto. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2002.
<u>Proteção social e educação feminina na Casa de Caridade do Assú/RN (1862-1913).</u>	Retrata a atuação da Casa de Caridade do Assú como instituição de proteção social e formação socioeducativa para o público feminino na cidade entre 1862 e 1913. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2020.	<u>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE TECNOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO MONICK</u>	Identificar e analisar os fatores de influência como determinante na escolha do gênero feminino nos cursos de Engenharias. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2015.
<u>Protagonismo feminino na literatura infantil: implicações pedagógicas.</u>	Analisa o protagonismo feminino na literatura infantil e suas implicações pedagógicas para a infância. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2019.		
<u>Histórias do corpo negado: uma reflexão educacional sobre gênero e violência feminina.</u>	A pesquisa foi implantada na área temática educação, política e cultura, baseada na linha de pesquisa e práticas culturais, abordagens, históricas educativas e literárias. ANO DE PUBLICAÇÃO: 205.		

Fonte: Produzido pela autora.

Os artigos se estendem por diversos campos de ensino tendo em vista que as temáticas apresentam direcionamentos e possibilidades que percorrem pela história e que podem se inserir em outros campos de atuação. Na educação feminina em Natal, os resultados se expandiram também para o nordeste, não apenas em Natal. Pode-se identificar algumas temáticas, tais como: gênero, violência feminina, literatura infantil, proteção social, beleza, dança, escrita, protagonismo feminino e formação docente.

Em relação a Escola Doméstica de Natal, apresentaram-se também alguns conceitos importantes que aplicam até mesmo na área da saúde, como: ensino de matemática, práticas educativas, concepção de mulher, modernidade, ideal social, cuidados e infância.

Diante dos dados obtidos, observei quais artigos pertenciam ao enfoque presente nesta pesquisa, isto é, a educação doméstica e feminina em Natal, em seguida, separei-os conforme a disposição teórica melhor apresentada e fundamentei ao longo deste trabalho de conclusão de curso.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A datar da escolha do tema até o presente momento, houve um percurso metodológico que subsidiou a organização da fundamentação desta pesquisa para que houvesse um registro firmado e articulado. Em seguida, escolhi trabalhar com o registro audiovisual para que a pesquisa se tornasse mais efetiva, pois, segundo Pranto (2018, pág. 36),

A partir das informações levantadas nas entrevistas audiovisuais, e devidamente transcritas, textualizadas e algumas vezes transcriadas, os dados obtidos são cruzados com aqueles presentes na revisão bibliográfica, nos jornais e livros de memória analisados, para, então, chegarmos às nossas principais considerações, seguindo a perspectiva do cruzamento de fontes apresentada e motivada por Thompson (2002, p. 307).

Diante da escolha, precisei organizar dois documentos importantes para a segurança dos registros, da pessoa entrevistada, da universidade e do corpo estudantil convidado para aquele momento. Dessa forma, o elaborei Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE (Res.510/2016-CNS) para que a ex-aluna tomasse conhecimento do conteúdo que seria abordado, dos seus direitos assegurados e da divulgação midiática caso fosse permitido. O segundo documento diz respeito ao Termo de Confidencialidade que assegura os dados coletados diante das informações discutidas utilizadas exclusivamente para a execução do projeto em questão e serão guardados por um período mínimo de 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa.

Após isso, prontamente desenvolvi um convite virtual (Anexo A) para que a entrevista fosse divulgada nas redes sociais e mais pessoas pudessem prestigiar, principalmente as que pesquisam na UFRN sobre as temáticas abordadas.

Com base nisso, elaborei um documento inferindo os temas “Primeiro momento: apresentação geral da convidada”, “Segundo momento: aprofundamento nas memórias da ex-aluna” e “Terceiro momento: balanço de sua história de vida” para organização e passo a passo da entrevista, ainda que pensada para um desenvolvimento mais natural possível. Segundo Pranto (2018),

É necessário ressaltar a busca por termos próximos do entrevistado. Palavras rebuscadas podem gerar incompreensões, ou mesmo tornar o momento da entrevista algo bastante formal, frio e distante. Ajustar a linguagem à ocasião daquela conversa é algo a ser desenvolvido e aprendido com a prática, por isso, após algumas entrevistas coletadas, nós enquanto pesquisadores também nos sentimos mais à vontade para iniciar o diálogo com o narrador.

Por essa razão, sistematizei a entrevista com base em algumas temáticas norteadoras separadas em três momentos. No primeiro momento, busquei situar Mônica Reis em relação a sua pessoa, no sentido de conhecê-la enquanto mulher, mãe, filha, esposa, inclusive como se constitui a sua família, embora ela tenha se apresentado ao longo de toda a conversa.

No segundo momento, tentei trazer a ex-aluna para o momento em que ela experienciou a ED e trouxe alguns questionamentos para adentrar a cultura escolar. Dessa forma, espontaneamente Mônica estabeleceu relações com a escola bem como com o corpo docente.

No terceiro momento, para finalizar, incluo uma abordagem mais reflexiva para que ela me descreva um pequeno balanço de vida observando a Mônica enquanto aluna e Mônica atualmente. Abaixo, segue a distribuição da tabela organizada para esta finalidade.

Tabela 2: Roteiro para a entrevista pública com Mônica Reis, ex-aluna da ED.

ROTEIRO DE ENTREVISTA
<p>O presente roteiro tem como objetivo organizar a entrevista pública que será realizada no dia 30 de outubro de 2023, às 15h30min, no Bloco de Aulas do Centro de Educação da UFRN, com a participação de uma ex-aluna da Escola Doméstica de Natal, a administradora e artesã Mônica Reis, a fim de contribuir com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado por “Cultura escolar da Escola Doméstica de Natal: memórias de uma ex-aluna”, da orientanda Luana Silva Souza, orientado pela Prof. Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto.</p>
PRIMEIRO MOMENTO: APRESENTAÇÃO
NOME COMPLETO
DATA DE NASCIMENTO
FORMAÇÃO
NOME E PROFISSÃO DOS PAIS
NATURALIDADE
PROFISSÃO ATUAL
PROFISSÃO APÓS CONCLUIR O ENSINO MÉDIO NA ESCOLA
BAIRRO EM QUE RESIDE HOJE EM DIA
SEGUNDO MOMENTO
PERÍODO EM QUE ESTUDOU NA ED?
POR QUAL MOTIVO VOCÊ COMEÇOU A ESTUDAR NA ED?
COMO FOI SUA CHEGADA NA ED?
QUAL É A RELAÇÃO DA SUA FAMÍLIA COM A ED?
COMO ERA A SUA RELAÇÃO COM AS EX-ALUNAS NA ÉPOCA E ATUALMENTE?

COMO ERA A SUA RELAÇÃO COM AS PROFESSORAS?
COMO ERA A SUA RELAÇÃO COM AS DIRETORAS?
COMO ERA A ROTINA ESCOLAR?
QUAIS DISCIPLINAS VOCÊ CURSOU?
COMO ERA O INTERNATO?
ASSOCIAÇÃO DAS EX-ALUNAS - POR QUE EXISTE?
TERCEIRO MOMENTO
BALANÇO DE SUA HISTÓRIA DE VIDA. COMO VOCÊ ENXERGA A ED EM SUA VIDA NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Fonte: produzido pela autora.

Após o registro audiovisual e o sucesso no desenrolar da entrevista, na semana seguinte transcrevi todo o vídeo, de duração de aproximadamente uma hora, sem alteração de sentido e sem correção da linguagem informal para a formal, na tentativa de não desqualificar a real sensação de contato íntimo para o leitor e a precisão de coleta de informações (Anexo D).

4. MEMÓRIAS DE UMA EX-ALUNA

Ao longo de várias conversas com ex-alunas enquanto eu trabalhava como auxiliar administrativo na secretaria, percebi que havia muitas histórias a serem ouvidas por parte dessas mulheres. Em cada depoimento espontâneo, como em uma conversa de corredor, por exemplo, eu sentia mais vontade de ouvir sobre aquele contexto tão acolhedor para algumas e tão assustador para outras. Por isso, busquei escolher a voz de uma mulher que pudesse falar sobre como foi a sua vivência enquanto ex-aluna da ED, em uma entrevista pública, na tentativa de compreender melhor qual seria a cultura escolar presente nesse cenário e como ela se explica diante da história oral.

A entrevista pública partiu da necessidade de reunir mais pessoas que pudessem contribuir de alguma forma no desenvolvimento da conversa e, ao mesmo tempo, que ela também fosse útil para aquele determinado público em vista dos estudos na linha de pesquisa sobre história, oralidade e cultura escolar. O grupo que participou desse momento é composto por alunas da graduação e de pós-graduação do curso de Pedagogia da UFRN. Por isso, foi fundamental contemplar o estudo com a sensação de ter por perto pessoas que quiseram ouvir o depoimento da ex-aluna e que contribuíram com dúvidas e apontamentos.

Para analisar a função da história pública para o ambiente acadêmico, Santhiago (2016) escreve sobre história pública como uma expressão com mais de um sentido, que pode ser percebida entre três vertentes: a atuação concreta da história pública, situada como “o fazer”, a reflexão diante da abordagem, situada como “o pensar” e o próprio campo de atuação, a sua finalidade. O processo, nesse sentido, parte para uma perspectiva mais estrutural no que se refere à organização do trabalho e no que se propõe a realizar ao obter o produto. Para o ambiente acadêmico, também é uma forma de instrumento de ensino para trabalhar uma história mais compreendida, sustentada pela verdade dos fatos e predisposta para uma possível divulgação científica.

Afirmo que a história pública, de um modo geral, é uma abordagem que pode ser usada para a ampliação de vozes que buscam se destacar em relação ao enfrentamento de lutas sociais. A historicidade promove, dessa forma, a apropriação conceitual e tecnológica de um determinado grupo para a própria formação de discurso que alcance diversas dimensões e comunidades. No caso do contexto da ED, trazer à tona vozes de mulheres que passaram pelo processo do ensino doméstico carrega um valor simbólico de respeito ao passo que propõe a oralidade a permissão de exercer direitos enquanto formas de exercício democrático e humano

para aquelas mulheres. Embora cada pessoa discorde sobre um fato de formas diferentes, o contexto em que se abriga a história é no mesmo lugar. Portanto, armazenar memórias reflete para um saber voltado para a superação de cenários sociais e políticos que se reinventam e se apresentam de várias maneiras na circunstância atual.

4.1 QUEM É MÔNICA REIS?

A proposta de trazer uma ex-aluna para conversar sobre sua vivência escolar partiu da própria abordagem do trabalho em conhecer, de forma mais íntima, como se deu a formação escolar de caráter doméstico das moças dos anos 70 a 80 e como isso influenciou em suas vidas. Além disso, selecionei um recorte temporal em que eu pudesse trazer uma mulher que estudou na escola na época em que a ED estava passando pela mudança de endereço, que cursou as disciplinas extracurriculares e que, de certa forma, tivesse conhecido a ex-diretora Noilde Ramalho, bem como a própria disponibilidade de participar da pesquisa.

Por ter conhecimento das ex-alunas que frequentavam a escola, convidei Mônica Delgado Reis e Silva para ampliar ainda mais as conversas que existiam na secretaria e que agora foram formuladas para embasamento científico. Mônica Reis prontamente aceitou o convite e, conforme o regulamento de entrevistas, assinou os devidos termos em relação ao consentimento do trabalho.

Mônica Delgado Reis e Silva é administradora, artesã, casada, tem três filhos e nasceu em 1º de março de 1960 em Natal/RN. Ela estudou na Escola Doméstica de Natal entre 1968 até se formar em 1978. Em virtude de sua mãe e sua avó terem estudado na ED ainda quando a escola se localizava na Ribeira, Mônica continuou a linhagem familiar e ainda possui parentes na instituição, como filhos formados e netos cursando. Ao ingressar na escola, Mônica relata com precisão a maneira como as moças entravam na escola, pois não havia matrículas. Ela narra que: “— E quando eu ingressei na escola, não tinha essa história de ‘matrículas abertas’, não tinha. Você tinha que ser indicado por uma mãe de um aluno que já estudava lá.”

A entrevistada, com muito afago, disponibilizou algumas imagens do seu álbum de fotografias durante seu período escolar. A imagem 4, portanto, é um momento de Monica Reis em sua infância que reflete seu primário na ED. O cabelo curtinho e a farda branca são verdadeiros marcos culturais da escola.

Imagem 4: Mônica Reis no primário da Escola Doméstica de Natal.



Fonte: fotografia fornecida pela entrevistada.

Ao ser questionada sobre o grupo que era matriculado na escola, a artesã evidencia o termo “elitizado”, dado na forma de relatar que as pessoas que mais frequentavam a escola tinham um poder aquisitivo maior e, de maneira geral, ela também se classificou neste círculo, como na fala: “— Era um público mais elitizado. Sim, quero falar assim. E, além disso tudo, era com indicação. Você não chegava lá. Eu quero estudar. Não, não, não, não é.”

A escola possui um lugar bem especial na vida de Mônica, visto que até hoje a turma se encontra e ela mesma lidera as reuniões, organiza as festas, apesar de achar bem estressante, e mobiliza a Associação das Ex-alunas da ED. Além disso, ela frequenta a escola pelo menos uma vez por semana para se encontrar com a sua amiga Adriana Tinoco, atual secretária do complexo, ex-aluna e ex-professora.

Percebo o carinho pela escola através da fala: “— Sempre fui ex-aluna e esse contato foi de sempre, porque como os meninos estudaram lá, eu participava de tudo. Nunca deixei de participar de nenhuma festa de fim de ano, às vezes não podia, mas dava um jeito. E hoje continuo por lá. Vou lá toda semana, duas, três vezes por semana, participo de festa de professor, participo do Natal do professor, como se eu fosse da casa, como diz Luana, mas eu participo de tudo. Sempre estou lá, presente em tudo. Às vezes, eu vou lá com saudades.”

Mônica relata que sempre gostou de sua moradia por ser bem próxima à instituição, um lugar herdado do seu avô que construiu a casa onde era apenas um sítio e nem a escola existia, em que, na época, era apenas Escola de Cavalaria. No decorrer da conversa, algumas alunas identificaram a casa de Mônica como lugar bem localizado e de uma estética muito bonita, então, ela complementa com entusiasmo: “— Tem muita gente daqui da área de arquitetura, uns primos meus que já se formaram e foram fazer trabalho lá, e minha casa da construção é tudo original, tudo, banheiro, cozinha. O término da construção é da década de XX. Então, meu avô morou lá, passou para meu pai e agora ‘tá’ comigo, meio que com os irmãos, ‘né’?”.

A ex-aluna, ao finalizar o ensino médio, conforme ilustrado na imagem 6, na qual registra a turma de 1978 do pré, não conseguiu passar no vestibular e iniciou o primeiro emprego em um banco. Após dez anos trabalhando como bancária, decidiu fazer a prova do vestibular novamente e conseguiu passar para o curso de Executivo voltado para a área administrativa na UNIPEC. Ela se casou, formou sua família e continuou seus trabalhos em casa como artesã, um trabalho manual que, para ela, também é fruto do que aprendeu na escola nas disciplinas extracurriculares voltadas para o cuidado do lar.

Imagem 6: Turma da 3ª série do Ensino Médio de 1978 de Mônica Reis (primeira moça de cabelo curto, do lado esquerdo, na segunda fileira de baixo para cima).



Fonte: fotografia fornecida pela entrevistada.

4.2 A CULTURA ESCOLAR NA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Por se tratar de um conceito bastante discutido na área da educação, a cultura escolar pode ser percebida nos princípios que norteiam uma escola, nas atribuições dadas a equipe, nos aspectos simbólicos refletidos no cotidiano escolar, na valorização de costumes etc. Por consequência, é correto afirmar que qualquer espaço em que há circulação de pessoas é um lugar em que estão presentes diversas manifestações culturais, como cita Frago (1994).

Como em toda e qualquer instituição de aprendizagem, a escola faz parte de um sistema de formação de pessoas que carregam consigo uma perspectiva de vida individual em que cada uma possui uma cultura própria. Na escola, portanto, não é diferente. Cada segmento de ensino apresenta uma particularidade que norteia a organização escolar como forma de se apresentar enquanto lugar de apropriação do conhecimento natural e do conhecimento acatado disposto pelos alunos diante de uma mediação. Para Munakata (2016, pág. 122),

O importante é, então, levar em conta que a noção de cultura escolar se refere não apenas a normas e regras, explícitas ou não, símbolos e representações, além dos saberes prescritos, mas também, e sobretudo, a práticas, apropriações, atribuições de novos significados, resistências, o que produz configurações múltiplas e variadas, que ocorrem topicamente na escola. Afinal, não há como negar que haja coisas que só existem na escola.

Por ser uma instituição escolar voltada para o público feminino e sua importância para o progresso do lar, a cultura escolar sempre esteve inserida no contexto das moças que vivenciaram todo o processo de aperfeiçoamento e obtenção de diploma de “dona do lar”. Por esse motivo, a ex-aluna, provavelmente imperceptível para ela no momento dos seus apontamentos, sinaliza de diversas formas como a ED costumava direcionar o processo de ensino e aprendizagem diante de um grupo segmentado pelas condições sociais, conforme as suas memórias.

Como início da discussão do segundo momento da entrevista, Mônica Reis relatou que, a partir do ginásio, as alunas iniciaram as disciplinas extras com aula de cozinha, sendo todas de avental, lenço e horário definido. No primeiro ano, as moças estudavam sobre cardápios que poderiam ser servidos em grandes eventos, como a chegada do Papa na escola, além de bordado, tapeçaria e costura. Como as turmas eram bem numerosas, as professoras decidiram separar os semestres por abordagem para que todas conseguissem ter acesso a escuta e a uma formação mais objetiva.

Outro ponto bastante discutido por ela foi a “casinha prática”. Nela, as alunas passavam cerca de oito dias para cuidar, de fato, de uma casa, cujos materiais eram oferecidos pela escola para manuseio individual, como as comidas e os utensílios de limpeza. As moças recebiam uma cesta básica para desenvolver todas as refeições durante o dia, como café, almoço, lanche e jantar, no sentido de educá-las quanto à organização e utilização da alimentação de acordo com uma determinada quantidade de alimento disposto.

Já no terceiro ano do ginásio, as moças aprendiam sobre puericultura, o primeiro curso de Puericultura instalado no Rio Grande do Norte direcionado ao atendimento das crianças de baixa renda que vivenciavam um contexto socioeconômico mais sensível. Para Rodrigues (2007, pág 8), o quadro educacional do RN ainda era de um momento mais vulnerável e o interior das escolas estava passando por algumas mudanças. No entanto, destaco que a instalação desse modelo de ensino rompe com as questões sociais e desconsidera qualquer tipo de situação inconstante.

Com bastante precisão, a entrevistada descreve:

“— Era dispensada das aulas na sala de aula e no terceiro ano nós íamos para a puericultura. A puericultura pegava crianças de mães que não tinham condições de criar na época e Dr. Manuel Varela, que foi o diretor do instituto que hoje é Instituto Varela Santiago, ele era pediatra, então, ele pegava crianças que a mãe não tinha condições e levava para a escola. Tudo, toda manutenção médica, de alimentação, tudo era por conta da escola. Então, nós éramos as mães. Cada uma ficava oito dias com uma criança. Você ficava com a criança e a mãe só ia no domingo para ver. Se precisasse de assistência médica, quando a criança estava doente, ela era encaminhada com o caso. Nós que éramos as mães e a professora da puericultura também ia para a maternidade, ou então para o Varela Santiago, que Dr. Manuel Varela trabalhava lá. Então, eram crianças bem assistidas.”

Nesse sentido, a cultura escolar começa a receber intervenção das relações que existiam com a sociedade, com o público que frequentava a escola e até mesmo a própria equipe pedagógica. Tendo em vista a influência de Dr. Manuel Varela Santiago ao considerar a criança como instrumento de desenvolvimento de aprendizagem e apropriação do conteúdo, é importante frisar que as práticas de puericultura, conforme ilustradas na imagem 7, nessa época, apresentam uma visão diferente ao ser percebida na atualidade. De acordo com as falas da ex-aluna, as crianças mais desvalidas eram trazidas com apenas três meses de vida para a escola onde teriam que permanecer até um ano de vida sob os cuidados da equipe docente da disciplina e da aluna responsável pelo caso.

Imagem 7: Aula de Puericultura com as crianças sob docência do Dr. Varela Santiago.



Fonte: Galvão (2017, pág. 106 apud de Miranda, 2021, pág. 63)

A visão do médico se direcionava para a formação das mulheres que estavam na ED. Para ministrar as aulas de puericultura, ele escolhia as classes de famílias mais vulneráveis para proporcionar uma qualidade de vida melhor para os filhos de mães que não tinham muito conhecimento sobre o puerpério, tendo vista que na época existia um crescimento na taxa de mortalidade de bebês por falta de instrução e de apoio. É uma disciplina que me chamou muita atenção em virtude da disposição de crianças reais em contexto escolar como forma de aprendizagem, embora elas tivessem todo suporte necessário até mesmo nos casos de enfermidade, além de serem bem assistidas e retornarem para os seus convívios familiares com uma expectativa de vida melhor. Mesmo diante dessa circunstância, penso na forma como a família encarava a situação ao permitir os filhos a um estudo tão importante e ao mesmo tempo passível de alterações psíquicas, motoras, sociais e interacionistas com a família biológica. O afeto, nesse sentido, encontra-se como uma condição desmerecida, principalmente ao interromper o aleitamento materno durante essa faixa etária de vida que é tão necessária para a evolução saudável do bebê e que se inclui nas primeiras formas de relação entre mãe e filho. Mamede (1979, pág. 301), ressalta a importância da amamentação ao considerar que:

Ressaltamos aqui que a amamentação é o melhor período para a mãe conhecer a criança, conhecer o seu jeito, a sua maneira, o seu choro, o seu sorriso, e daí ter condições de perceber suas necessidades e satisfazê-las respeitando-a como um ser individual.

Ao perceber a escola como um lugar bastante renomado para os anos 70, Mônica complementa sua fala enquanto aluna ao lembrar o quanto a escola era prestigiada por manter

a disciplina, que, inclusive, era um componente extracurricular presente na grade curricular denominado por “Etiqueta”. A ex-aluna destaca:

“— A disciplina ensinava como você se sentar, como você saber se vestir dependendo do local que você ia. Como você postar uma mesa para diversos serviços, como serviço francês, um churrasco, dependendo do serviço que ia ser exposto naquele evento. Tudo isso incluía. Qual a taça de vinho, qual a taça de água, qual o talher de peixe, qual vai de frango, qual talher de carne. Isso tudo você tem que aprender e saber como postar na mesa.”

Por consequência, lembrei-me com muita precisão o período em que precisei adotar algumas políticas de disciplina ao iniciar como funcionária da secretaria, como postura ao sentar-se, lugar de posicionar garrafa de água, estilo de arrumar o cabelo, roupas adequadas, linguagem formal, organização da própria sala da secretaria e hierarquização de cargos conforme surgisse uma necessidade de resolução de conflitos. Portanto, é um elemento importante a ser pontuado porque reflete a cultura escolar presente no interior dos espaços, sobretudo por ter a presença dessas pessoas que fizeram parte desse ensino disciplinador dos corpos femininos.

As moças, enquanto alunas, participavam de eventos ilustres que aconteciam na escola, já que o lugar mais requisitado para receber “pessoas importantes”, como afirma, era na ED. Não existiam salões de festa em Natal que pudessem contemplar a receptividade dessas pessoas, por isso, as alunas eram ensinadas a preparar o buffet e organizar o espaço. Por isso, Mônica relembra:

“[...] a escola foi um colégio que na época que eu estudei não tinha esses salões de festas. Então, todo presidente, toda pessoa importante ia para lá. Buffet ia para lá. Você não ia para outro lugar. Teve buffet para o Presidente da República. Eu servi o Médici. Eu servi em um congresso de reitores. Tudo era nós, alunos, de farda, e íamos servir essas pessoas. Teve o Papa João Paulo II. Teve um banquete lá para ele. Então, tudo era servido por nós alunos.”

A participação da escola no contexto histórico do RN transpassa os muros da instituição ao perceber a ED como um lugar de referência social. Dessa forma, receber o Papa João Paulo II, embora considerada uma escola laica, reflete que a presença da religiosidade católica não era impedida, muito menos desconsiderada, pois as ex-diretoras admitiam o acontecimento de missas e decorações com objetos religiosos no interior do colégio, que são presentes até hoje. Além disso, por ser uma escola que cresceu sob os olhares dos governantes do estado, a presença de figuras políticas era bastante comum e representava uma maior visibilidade em âmbito nacional, principalmente ao acolher o Presidente da República do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, cujo governo foi marcado por repressões do regime militar e autoritarismo.

Além disso, a escola sempre estava presente durante os desfiles cívicos em Natal, assim como mostra na imagem 8 disponibilizada por Mônica em um dos seus momentos de representatividade.

Imagem 8: Mônica Reis no desfile de 7 de setembro representando a ED.



Fonte: fotografia fornecida pela entrevistada.

Frente às circunstâncias, percebe-se que os processos de transmissão de saberes e valores dentro desse espaço escolar, mediante a aceitação de determinados eventos, como descreve a ex-aluna, implica na análise de uma cultura escolar como objeto histórico que reflete para uma gestão escolar posicionada politicamente nas entrelinhas.

No decorrer da entrevista, outro aspecto foi levantado por Mônica Reis ao ser questionada por mim sobre a equipe gestora da escola, uma vez que, enquanto funcionária do colégio, vivenciei muitos momentos em que a figura da diretora possuía um respeito acima do que eu já tinha visto em outras escolas, no sentido de hierarquização muito presente, ela ressalta: “— Então, dona Noilde era uma pessoa muito conhecida. Ela conhecia todo mundo, sabia de quem era filha. Você não era um aluno aleatório ‘jogado’. Não é mais um aluno dentro da Escola Doméstica. Ela podia não saber seu nome, mas sabia sua descendência, sua família, sua raiz, de onde que vinha”. Mônica acredita que a ex-diretora Noilde Ramalho tinha uma personalidade muito marcante, adjetivando-a como “ríspida” e “austera”. Ela pontua que:

“— Eu só vim ter um contato maior quando nós passamos para a escola grande, que a gente chamava de escola grande, porque naquele prédio central a gente chamava a escola grande. Quando ainda era do primário, ficava mais afastada. Então, o contato maior com Dona Noilde foi quando nós passamos a estudar naquele prédio central e ela era uma pessoa muito austera e tinha uma personalidade muito forte. Então, nós ali, se ela passasse andando e tivesse gente sentada, ela queria que levantasse porque ela estava passando. Se você passasse, desse um bom dia, ela não escutasse, tinha que voltar e dar bom dia de novo.”

Conforme a postura notável, logo pensei nas moças que apresentavam resistência perante as premissas da escola e perguntei a Mônica como isso acontecia. À vista disso, ela respondeu:

“— E o internato era uma coisa assim, muito rigorosa. Então, como tinha muita gente de fora, era 100% de responsabilidade dos professores da escola manter aquelas meninas ali dentro. Às vezes, se você era muito danada, o pai dizia “vou lhe mandar para o colégio interno”, então, a responsabilidade é de quem recebe. Então, assim, era uma coisa muito rigorosa. Elas iam para a missa todo sábado, ali na Santa Terezinha, ia três ou quatro professoras acompanhando da missa. Já voltava para a escola. Elas só saíam se tivesse uma autorização, senão, passava todo um tempo dentro da escola. Pronto, eu era muito próxima de uma menina de dentro do Maranhão. Então, eu falava com a escola que queria que ela fosse no final de semana lá para casa, a escola entrava em contato com a família para saber se a família autorizava aquela interna e o final de semana ia para minha casa. Ela chegava no sábado de manhã. No domingo, final da tarde, retornava para a escola, então, tinha todo esse trâmite para poder a aluna sair para a casa de uma pessoa do qual a família não conhecia, mas a escola dava todo o histórico da família para poder ela poder sair de sua casa.”

Assim sendo, nota-se que a escola era bastante conceituada no sentido de responsabilidade. A identificação com a cultura da escola partia, em primeiro lugar, da família que objetivava a formação de sua filha em um ambiente preparado para construir moças que fossem responsáveis pelo lar e que soubessem cuidar do lar. Por serem muito jovens, algumas meninas não se identificavam com as disciplinas de caráter doméstico e apresentavam resistência, conforme explica Mônica.

No entanto, concluíam o ginásio com ajuda de outras colegas do internato para poder passar por essa fase e atender a expectativa dos pais, embora tenham tentado pular o muro muitas vezes e infringido as regras com o uso do cigarro escondido. Mônica acentua que, para ela, foi um momento muito promissor marcado pela construção de habilidades do seu perfil, principalmente em relação à prática de costura, na qual até hoje é a sua profissão, artesã. Para enfatizar a educação que teve, Mônica destaca:

“— Eu, hoje, faço tudo. Faço todo trabalho manual. Hoje eu consigo e faço tudo o que eu quero fazer. Com internet, sem internet, revista. Eu faço um trabalho manual. Para quem gosta da coisa, né? Mas para aquelas que não gostam passou ali como uma obrigação que tinha que fazer e tudo bem. Mas para quem gosta... eu, para mim, foi um máximo essas aulas práticas me ajudaram muito.” Além disso, ela aponta que foi

uma habilidade que fez parte de geração para geração de quem estudou na ED na sua família, em que a mãe e a avó também realizam trabalho manual.

Analisar os parâmetros que envolvem o regimento da ED é conceber que, desde a entrada até a saída, a escola organiza cada detalhe para adequar aos comandos solicitados como elementos de valorização da educação feminina doméstica. Dessa forma, até mesmo o fardamento entra como recurso de padronização pretendido pela gestão ao solicitar que as meninas utilizassem vestidos brancos e sapatos fechados. O fardamento ainda é um símbolo memorável tanto pelas ex-alunas quanto pela população no geral em Natal, como representado na imagem 9, em que até a minha mãe relata que gostaria de ter estudado na ED para poder usar o “vestidinho branco”. Por ser um assunto tão histórico, supõe-se que surgiria alguma pergunta para Mônica sobre o fardamento, e ela respondeu:

“— Nosso fardamento era um vestido branco, tanto no primário como a partir do ginásio, que hoje é fundamental II, era um vestido branco, as crianças de manga curta e os adultos manga comprida. Tinha que ser oito centímetros acima do joelho. Se fosse mais curto, na hora era tirado o abanhado e você ia fazer o abanhado para ficar até oito centímetros acima do joelho, então, era uma coisa muito rigorosa o fardamento. E por ele ser branco, você tem que estar sempre com ele limpo. Por ele ser branco.”

Ao realizar um paralelo sobre a importância do “brincar” para o contexto da ED, vê-se que existia uma certa discrepância acerca da valorização do momento parque como requisito crucial para a formação da criança, uma vez que a questão da manutenção do vestido branco sempre limpo e engomado era bastante rigoroso. Para Saheb e Gureski (2019), torna-se inerente à formação do indivíduo a presença das brincadeiras e até mesmo se sujar de vez em quando, pois:

Essa interação reforça a ideia de que só é possível construir uma relação de afeto com aquilo que se convive, com aquilo que se sente. Logo, sujar-se, explorar, além da visão e audição, o meio com o tato, o tônico, o olfato, o paladar e conhecer os elementos do entorno são aspectos primordiais para a vivência de uma infância na perspectiva do desenvolvimento integral do ser.

Imagem 9: Mônica Reis (segunda moça de cabelo curto, da esquerda para a direita, na primeira fileira de baixo para cima), ao lado de suas colegas, posando para foto na ED com o fardamento branco.



Fonte: Fonte: fotografia fornecida pela entrevistada.

A ED, desde o início, sempre se preocupou em empregar funcionários que tivessem feito parte do colégio pelo menos como ex-alunas, especialmente no quadro de professoras. Atualmente, ainda existe uma segmentação na permanência desses funcionários que adotam as mesmas medidas de quando eram alunas. A ex-aluna destaca que os seus professores quase sempre foram os mesmos, que quase não havia novos colaboradores na “casa”, um termo bastante utilizado pelas ex-alunas ao se referir a escola. Diante disso, a manutenção no quadro de professores exprime que a escola apresenta preferência em relação a conservação de sua essência e evidencia a cultura escolar como ponto principal do sucesso e dos resultados satisfatórios de aprendizagem.

Por fim, ao observar sua formação enquanto ex-aluna de uma escola que tanto impulsionou a educação feminina no estado do Rio Grande do Norte, Mônica responde que a “casa” é um lugar frequentado por ela até hoje, mesmo quando não tem evento, pois ela gosta de estar presente em tudo. Inclusive, lembro-me com muito carinho das diversas vezes em que ela me concedeu ajuda na secretaria, principalmente durante a semana que antecipava o evento de aniversário da escola, cujas ex-alunas precisavam efetuar a compra da senha presencialmente e a secretaria se congestionava.

Além de estar toda semana na escola, Mônica coordena a Associação das Ex-alunas, um movimento organizado para reunir toda comunidade que já passou enquanto estudante na ED, bem como para realizar festas. A imagem 5 representa a turma da ex-aluna em uma de suas comemorações. Ela complementa:

“— Vou lá toda semana, duas, três vezes por semana, participo de festa de professor, participo do Natal do professor, como se eu fosse da ‘casa’, como diz Luana, mas eu participei de tudo. Sempre estou lá, presente em tudo. Às vezes, eu tô lá, muito bem, com saudades. Uma vez eu fui lá e tinha uma decoração fora de lugar, aí eu falei: ‘— para, que coisa horrorosa! Vamos mudar’. Aí, fui lá, porque ia ter um monte de gente lá, e coloquei umas guirlandas para poder pendurar. Então, eu continuo com a mesma ligação, mesmo sem ser funcionária da escola, mas sempre gosto demais de ir lá. Me dou super bem lá com todos, do porteiro ao jardineiro. Claro, converso com todos. Não tem discriminação de cargo de nada não pra mim. Eu só parei na época que eu trabalhava no banco, que eu não ia muito. Trabalhei 16 anos e não tinha como ir para a escola, mas depois voltei.”

Imagem 5: Turma de Mônica Reis (segunda mulher com os braços cruzados do lado direito na primeira fileira de baixo para cima) em uma confraternização após vinte e cinco anos de conclusão do Ensino Médio.



Fonte: fotografia fornecida pela entrevistada.

Diante do exposto, pode-se perceber que em apenas uma hora de conversa sucedeu-se tantas informações relevantes para o estudo sobre cultura escolar e instituição escolar na ED. Houve, de fato, uma intenção de deixar a ex-aluna o mais confortável possível para que a entrevistada pudesse conversar espontaneamente com os participantes da entrevista, incluindo eu e a orientadora Aliny Pranto. No entanto, a inserção do roteiro construído para atender aos

questionamentos trazidos por mim para fundamentar este trabalho guia de forma mais organizada as respostas de Mônica Reis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de contribuir para a área da educação, especialmente para os estudos sobre cultura e história escolar, a monografia promove uma reflexão sobre como o modelo de ensino implementado para moças do século XX implica no desenvolvimento da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Além disso, ao indicar as memórias de alguém como fundamento para este conteúdo, o trabalho reitera a contribuição significativa da história oral como outro elemento que carrega resquícios e apontamentos diante de uma realidade vivida.

Por estar baseada nas falas de uma ex-aluna que vivenciou este período, a pesquisa se torna muito mais concretizada e passível de exploração mais detalhada em relação a forma como o ensino era regido e a sua influência para o crescimento político, social, econômico e educacional da instituição.

Ao longo dos meses em que trabalhei no colégio, pude identificar o quanto a presença da preservação cultural era uma ação marcante que, com poucos meses, já consegui me habituar a política de ensino e internalizar alguns estilos comportamentais. Visto isso, pensando nas meninas que passaram por instruções marcadas pelo exemplar da cultura do ensino doméstico, considero-me curiosa ao me questionar sobre como estão as moças que apresentavam resistência e como elas enxergam as suas vidas hoje diante do contexto vivido. O estudo também propõe que exista uma reflexão para buscar compreender qual a visão de mulher que o período apresentava e as fundamentações culturais ao considerar papéis e funções especialmente para o sexo feminino.

A escola é o espaço que o ser humano ocupa por muito tempo de sua vida. Por isso, as pessoas constroem suas identidades conforme mantêm relações e interações com o meio externo, além de sua família, tendo em vista que se relacionam com a comunidade escolar em que frequentam. Dessa forma, ao instituir a mulher como responsável pela construção do homem moderno e pelo lar, exprime que a educação pode ser utilizada como ferramenta de formação de personalidade para além da sala de aula, principalmente ao compor na grade curricular uma estrutura que pertence ao desejo de uma determinada massa social. Nesse caso,

a cultura entra como elemento de identificação visual para as famílias que se identificavam com o ensino.

Enquanto mulher, torno necessário enfatizar que, embora não mencionado detalhadamente, a pesquisa também se desdobra em meio às relações de gênero naturalizadas naquela época. Isso quer dizer que existiu um processo histórico de condicionamento do corpo como totalidade de uma cultura e expectativas comportamentais.

Esta pesquisa, portanto, aponta para a possibilidade de estudos futuros tendo em vista os cenários apresentados que podem ser muito mais explorados. Portanto, as investigações não param por aqui. Como resultado do meu interesse pelo ensino de História e pela história real trazida por uma mulher, destaco que, ao realizar um estudo como esse, além de contribuir para o ensino, enriqueço minha formação enquanto professora no sentido de ampliar minha visão sobre determinados temas e, enquanto mulher natalense, compreendo como se formaram as primeiras lutas femininas na cidade em busca de valorização e reconhecimento na sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Reestruturação produtiva no Rio Grande do Norte**. Mercator, Fortaleza, v.12, n. esp. 2, set. 2013, p. 113-132. Disponível em: Acesso em: 7 nov. 2023.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 100, 2007, p. 1059-1083.

DE MIRANDA, VANESSA SOUZA. **A ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL/RN E O ENSINO DE PUERICULTURA NO CUIDADO COM A INFÂNCIA (1919 / 1929)**. 2021. Monografia (Licenciada em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2021. Disponível em: Repositório da UFRN. Acesso em: 27 out. 2023.

DE SOUZA, Vitória Diniz. **“SERÃO PERFEITAS DONAS DE CASA E DISTINTAS MOÇAS DA SOCIEDADE”**: A ESCOLA DOMÉSTICA EM UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES FEMININAS EM NATAL (1914-1945). Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior. 2021. Dissertação (Obtenção do título de Mestra em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2021. Disponível em: Repositório da UFRN. Acesso em: 26 out. 2023.

DIAS, Franknilda Mácia de Medeiros. **Da Escola ao Lar: a mulher na cidade do Natal (1915-1930)**. Natal, Monografia de Graduação em História, UFRN, 2002.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**, [s. l.], 2004. Disponível em: Repositório da UFRN. Acesso em: 1 nov. 2023.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LOPES, MARIA MARONI. **O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense (1911 – 1961)**. 2020. Tese de Doutorado (Doutora em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, [S. l.], 2020. Disponível em: Repositório da UNESP. Acesso em: 30 out. 2023.

MAMEDE, Marli Villela et al. **Importância da amamentação no relacionamento saudável mãe e filho**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 32, n. 3, p. 299-302, 1979.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiae: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS*, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MUNAKATA, Kazumi. **LIVRO DIDÁTICO COMO INDÍCIO DA CULTURA ESCOLAR. LIVRO DIDÁTICO COMO INDÍCIO DA CULTURA ESCOLAR**, [s. l.], 2016. DOI <https://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>. Disponível em: Scielo. Acesso em: 1 nov. 2023.

MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático como índice de cultura escolar**. *Hist. Educ. (Online)*. Porto Alegre, v. 20, n. 50, Set./dez., 2016, p. 119-138

NATAL se despede de Noilde Ramalho. [S. l.]: Redação Tribuna do Norte, 28 dez. 2010. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/natal/natal-se-despede-de-noilde-ramalho/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

NETO, Cosme Ferreira Marques. **Henrique Castriciano de Souza: uma contribuição à educação da mulher potiguar**. In: *Revista da FARN, Natal*, v. 10, n. 1/2, p. 225-261, jan./dez. 2011.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. **Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa**. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 27, dez. 2004.

PRANTO, Aliny Dayany Pereira de Medeiros. **Os acampamentos da campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as relações dialógicas com a comunidade local**. 2018. 261f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

RODRIGUES, ANDREA GABRIEL F. **EDUCAR PARA O LAR, EDUCAR PARA A VIDA: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945)**. 2007. Tese (Doutor em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2007. Disponível em: Repositório da UFRN. Acesso em: 26 out. 2023.

SAHEB, D.; RODRIGUES, D. G. **Infância e experiências em Educação Ambiental: um estudo da prática docente na Educação Infantil**. *Revista Lusófona de Educação*, 43, p. 59-144. *Revista Momento –diálogos em educação*, E-ISSN 2316-3100, v. 32, n. 1, p. 116-145, jan./abr., 2023. DOI:74, 2019. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6770>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SANTHIAGO, Ricardo. **“Duas Palavras, Muitos Significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil”**. Em História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários, org. Ana Maria Mauad, Janiele Rabêlo de Almeida, e Ricardo Santiago, 23-36, São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAVIANI, D. **INSTITUIÇÕES ESCOLARES: CONCEITO, HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PRÁTICAS**. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 4, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Educ. Rev. [online]. 2006, n.28, pp.201-216. ISSN 0104-4060.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; SOUZA, Vitória Diniz de. **A ESCOLA DOMÉSTICA E O “APERFEIÇOAMENTO DA MÃE DE FAMÍLIA”: PRÁTICAS DISCURSIVAS DE CONTROLE DA FEMINILIDADE (NATAL, 1911-1914)**. Atos de Pesquisa em Educação, [S.l.], v. 17, n. 1, p. e9330, mar. 2022. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9330>>. Acesso em: 25 nov. 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-03542022e9330>.

TAVARES, Marianna Carla Costa. **Paralelos entre higienismo e os currículos da escola doméstica de Natal (1914 – 1944)**. Anais COPRECIS. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31589>>. Acesso em: 25 out. 2023.

TAVARES, Marianna Carla Costa; STMATTO, Maria Inês Sucupira. **A concepção de mulher no currículo da Escola Doméstica de Natal (1914 –1944)**. Research, Society and Development, v.7, n. 3, p.01-17, 2018. <https://doi.org/10.17648/rsd-v7i3.243>

THEODORIDIS, Nicolas. **História Pública: Origens e Disseminação no Brasil**. In: XIX encontro de História da ANPUH-Rio. História do futuro, 2020, Rio de Janeiro. Anais do XIX Encontro de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2020, v. 01, p. 01-08.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa**/Antônio Viñao Frago e Agustín Escolano: tradução Alfredo Veiga-Neto. -2. Edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 152p.; 16x23cm.

ANEXOS

ANEXO A - Convite virtual para a entrevista pública.



ENTREVISTA PÚBLICA COM MÔNICA REIS, EX-ALUNA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

A entrevista pública será utilizada para contribuir com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado por **“Cultura escolar da Escola Doméstica de Natal: memórias de uma ex-aluna”**.

Organização
**Prof. Aliny Dayany
Pereira de Medeiros
Pranto**
(DPEC/CE/UFRN)
Orientadora do Trabalho de
Conclusão de Curso

DATA: 30 DE OUTUBRO DE 2023
LOCAL: LABORATÓRIO DE
CIÊNCIAS HUMANAS - BLOCO
DE AULAS DO CENTRO DE
EDUCAÇÃO - UFRN
HORÁRIO: 15h30min

Luana Silva Souza
Orientanda do Trabalho de
Conclusão de Curso

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA PÚBLICA.

- Aliny Pranto

Boa tarde, gente. Mônica, seja bem-vinda. As colegas também sejam bem-vindas. Nessa tarde de hoje, meu nome é Aliny Pranto, sou professora na área do ensino de história, atuo aqui no Laboratório de Ciências Humanas, no curso Pedagogia, no curso de História, na pós-graduação em Educação. E aí hoje... Eu estou orientando o trabalho para a conclusão de curso da Luana Silva Souza. E ela decidiu... Na verdade, já faz bastante tempo que Luana tem uma identificação com a escola doméstica. Ela teve a oportunidade de trabalhar lá. Teve um certo encantamento com a instituição e decidiu entender, conhecer melhor de como funciona essa escola não somente hoje, mas dentro da sua lógica histórica. É uma instituição que vem desde o início do século passado, no nosso estado, é pioneira nesse propósito de educação que ela traz pra cá e Luana queria entender o funcionamento dessa escola nas últimas décadas do século passado, mas não somente a parte da documentação. Ela queria perceber isso a partir da documentação, mas principalmente a partir das vozes de quem viveu esse processo. Então, pensando nisso, é que nós decidimos fazer um trabalho com história oral e trazer para esse espaço da entrevista pública. Porque na entrevista pública, para além da Luana, outras pessoas podem compartilhar desse movimento, podem interagir com a entrevistada, podemos tornar esse espaço como um espaço de fato de uma aprendizagem ampliada. Então, por esse motivo, nós decidimos estar reunidas aqui nessa tarde de hoje para poder fazer essa contextualização. Só para identificar: hoje 30 de novembro às 15h30. Em 2023.

Eu já pulei um mês. Antes de... É um ligeiro tempo? 30 de outubro de 2023, 15h30, a gente vai iniciar esse diálogo com a Mônica. Luana, se quiser fazer mais alguma ponderação, pode fazer.

- Luana Souza

Meu nome é Luana, sou do décimo período de pedagogia, entrei em 2019.1. Desde então, desde quando eu entrei na escola, eu entrei como auxiliar de sala e depois eu fui para a secretaria. E lá onde eu conheci Mônica Reis. Lá eu fui na secretaria porque eu virei auxiliar administrativo da secretaria. E aí tive contato com muitas das alunas. Mas sempre, desde quando eu entrei na escola eu percebi assim, nossa, não é uma escola qualquer, né? A gente se sente muito como “casa”, né? Eu até introduzi meu TCC assim. [talvez a gente se sente num lugar mais acolhedor, como casa mesmo. Não sei se vocês já tiveram a oportunidade de entrar na Escola Doméstica, mas essa é a sensação que eu tive, né? Muitas árvores, muito arborizado, aí a gente entra, tem uma escada, tem um primeiro andar, e a secretaria, ela já tem todos aqueles quadros com nomes de ex-secretárias, ex-diretoras, então é um ambiente muito aconchegante, muito casa. E elas se referiam sempre como casa. Na casa que eu estudei, lá na casa. E Mônica sempre ia. Ela é muito amiga da secretária. A atual secretária que é a Adriana Tinoco. E eu era auxiliar dela, de Adriana Tinoco. No caso, são melhores amigas, não é? E... Quando eu decidi fazer esse TCC, eu pensei logo nela. Porque sempre quando ela ia lá, ela sempre ia visitar. Sempre está por lá. Mora bem pertinho, né, Monica? E... Sempre estava lá e eu sempre perguntava, né? Não sei se você se lembra, mas sempre perguntava e aí como era? E também a própria secretária ela me trazia livros, lá tem um museu e nesse museu tem fotos, tem livros, tem muita coisa bacana. E ela trazia de lá quando eu perguntava, né, chegava a Adriana, eu quero saber mais sobre isso. Aí eu ia lá no museu, entrou, lia alguns livros, ficava e adorava. Sempre adorei história, né, sou suspeita de falar. E aí, quando eu conheci Mônica, associei as coisas e pensei em fazer e para que você me auxilie nesse trabalho com as suas memórias.

- Monica Reis

Sou Mônica, casada, tenho três filhos, dos quais os três foram alunos de lá. Minha mãe foi também aluna da Escola Doméstica da Ribeira. Então, como eu moro quase em frente, eu fiz só o jardim, que hoje é outra nomenclatura. Eu fiz no ciclo, porque minha avó era muito próxima das freiras. Mas como eu moro em frente a escola era mais fácil. E quando eu ingressei na escola não tinha essa história de “matrículas abertas”, não tinha. Você tinha que ser indicado por uma mãe de um aluno que já estudava lá. Eu ingressei na escola em 1968 e concluí em 1978. Lá na escola é tanto que, se eu só dizer assim uma coisa, minha turma, ele não me encontra com ela. São 45 anos que nós terminamos a escola, nós nos encontramos pelo menos uma vez no mês. É uma coisa estressante. Não todas, mas nós temos um grupo de 52. Nós éramos 80 e alguma coisa. Porque quando eu estudei na escola, muita gente era interna, era uma escola de internado. A escola abrangia 150 meninas que vinham de outros estados, que vinham do interior, que era aqui no nosso estado. Então, era uma coisa assim que você tinha um legado de pessoas, de culturas diferentes e assim, era bem interessante. E lá nós tínhamos as matérias normais, física, história, geografia e tinha as matérias extras. Porque, não sei se vocês sabem, a escola, ela foi fundada por Henrique Castriciano em 1914. E essa fundação foi de uma viagem que ele fez à Suíça e encontrou essa escola lá e ele trouxe esses moldes da escola para cá. Então, é a única escola no Brasil que tinha esse molde de educar a menina para ser dona de casa. Não que ela não fizesse faculdade, que era bem mais difícil, não tinha no estado ainda, você tinha que ir para fora do estado para fazer isso. Mas muitas formadas. Então, na escola nós tínhamos, além das aulas normais, nós tínhamos, independente do ano, na época era ginásio, primeiro ano de ginásio, nós tínhamos aula de cozinha.

- Aliny Pranto

Você entrou no ginásio já?

- Monica Reis

Não, eu entrei no primário, no primeiro ano de primário, concluí no ensino médio lá.

- Aliny Pranto

Então tinha que ter 6, 7 anos?

- Monica Reis

Isso. Então, nós tínhamos o primário não tinha nada dessas aulas extras, eram só as aulas normais do currículo. A partir do ginásio, nós tínhamos, no primeiro ano de ginásio, a gente tinha aula de cozinha, todas de avental, todas de lenço, tinha aquele horário. Já no segundo ano primário, era uma cozinha mais avançada. No primeiro ano, a gente ia para conhecer a cozinha e conhecer como fazer. No ano seguinte, a gente já ia preparar os pratos para serem servidos para as internas, aí no terceiro ano a gente já tinha uma aula de tapeçaria, já tinha uma aula de bordado, já tinha aula de costura, trabalhar com couro, isso tudo era dividido por semestres, a turma fazia o primeiro semestre e no segundo semestre era trocado a aula.

- Aliny Pranto

Você não era interna?

- Monica Reis

Não.

- Aliny Pranto

Mas as turmas eram separadas?

- Monica Reis

Não, eram todas juntas. E na época que eu estudei não tinha o Henrique Cassiano, só era a escola doméstica. No ano seguinte a gente já tinha uma aula de confeitaria bolo. No oitavo ano, que era o último ano do curso do ginásio, quando você entra no ensino médio, você tinha a casinha prática, você passava oito dias em termos na casinha prática. Então, você recebia, vamos dizer, tipo uma cesta básica super reduzida para você desenvolver café, almoço, lanche e jantar com aquilo que você recebia naquele dia. Você tinha que criar e tem que dar. A casinha era acompanhada por uma professora que fazia as três refeições. Nós dormíamos na escola para poder dar tempo de fazer o café. Na época, nós estávamos na casinha para fazer o café. Não ia para a sala de aula. Era dispensada das aulas na sala de aula e no terceiro ano nós íamos para a puericultura. A puericultura pegava crianças de mães que não tinham condições de criar e na época, e Dr. Manuel Varela, que foi o diretor do instituto que hoje é Instituto Varela Santiago. Então, ele era pediatra, então ele pegava crianças que a mãe não tinha condições e levava para a escola. Tudo, toda manutenção médica, de alimentação, tudo era por conta da escola. Então, nós éramos as mães. Cada uma ficava oito dias com uma criança. Você ficava na casa e a mãe só ia no domingo para ver. Se precisava de um. A criança estava doente. Ela é encaminhada com o caso. Nós que éramos as mães e a professora da puericultura para a maternidade, ou então para o Varela Santiago, que Dr. Manuel Varela trabalhava lá. Então, eram crianças bem assistidas. A escola, quando eu estudei, não tinha o Henrique, então ela era uma escola e ainda é uma escola muito grande. Hoje eu não sei se vocês conhecem lá, mas temos o Clara Camarão que contemplava ali onde terminava a escola. Ali era uma pista de atletismo. Foi a primeira escola que teve a parte de piscina de atleta em pista de atletismo. Então, dali para frente era só mato, onde hoje é o Henrique. Sim, lá para frente, lá para o final, tinha casa de campo, que tinha o curral. Então todo o leite que essas crianças usavam eram tirado do curral da escola.

- Luana Souza

No caso, vocês iam lá e tiravam?

- Monica Reis

A pessoa do curral, lá da casinha de campo, que cuidava e levava todo dia o leite para a cozinha.

- Luana Souza

Crianças ficavam doentes, vocês também acompanhavam?

- Monica Reis

Acompanhava ou para o Varela Santiago ou para a maternidade. Ia com a professora porque lá estava o Dr. Varela ou algum médico que ele poderia indicar para acompanhar a criança. Assim eu estudei lá, minha mãe não concluiu. Ela fez o que ela fez quando a escola subiu, porque a escola era lá na Ribeira, que é o Teatro do Maranhão, que hoje é um prédio da Secretaria de Saúde. Aí nós estudamos lá. Minha mãe, quatro filhas, oito filhos, já formados e pelos menos cinco netos formados pela UEMG, pela UNI-RN e a outra tá terminando o próximo ano, que é minha filha. Tudo lá.

- Luana Souza

Não sei se vocês sabem, mas hoje a UNI-RN está localizada dentro do espaço da escola.

- Monica Reis

Que hoje é o Complexo de Ensino Noilde Ramalho, que abrange os dois colégios e a UNI-RN também, tudo no mesmo espaço.

- Aliny Pranto

Mônica, como é que sua mãe chega à escola doméstica? Foi uma escolha dos pais dela?

- Monica Reis

Não, porque minha. Minha avó trabalhava no Hospital Infantil Varella Santiago, no qual Dr. Manuel Varella era o presidente. Então foi quando ele conseguiu colocar ela lá na Ribeira. Ela estudou na Ribeira por quatro ou cinco anos. Foi quando saiu e foi para o Colégio das Neves. Terminou lá e nós chegamos lá através de uma tia que minhas primas já estudavam lá. Enquanto nós estávamos no CIC, ela já tinha ingressado no jardim, então foi por uma indicação.

- Aliny Pranto

Mas a sua família tinha o interesse desde o início?

- Monica Reis

Tinha, porque eu moro quase em frente, só atravessar a rua dentro da escola. Então era tudo. Era a praticidade também, né? Eu moro lá na Hermes da Fonseca para ir para o CIC. Então ali é só atravessar a rua que tá dentro da escola.

- Aliny Pranto

Em termos de custo, porque era uma escola já privada, você considera à época que ela tinha uma certa dificuldade de acesso? Para a população em geral era um público mais?

- Monica Reis

Era, era sim. Era um público mais elitizado. Sim, quero falar assim. E além disso tudo era com indicação. Você não chegava lá. Eu quero estudar. Não, não, não, não é.

- Público 1

Eu sou Mariana, estudei 11 anos na ED da minha vida desde os três anos de idade até os 15 anos e saí de lá porque fui pro IF, mas gostava muito da escola. E quando a senhora falou da questão da primeira escola com pista de atletismo, até hoje também tem um papel muito grande com essa questão da educação física. Tem a única piscina olímpica em escolas que nem toda escola tem.

- Monica Reis

Tem a semi olímpica e a olímpica.

- Público 1

Que fica lá no final, né?

- Monica Reis

É.

- Público 1

As competições acontecem lá com versões grandes também, né? E acredito que tenha talvez

muita influência de dona Noilde porque ela teve essa formação na área da educação Física. E o ano que a senhora falou que começou em 1968 fazia mais ou menos uns dez anos que ela estava na direção, que ela entrou em 65. Eu queria saber como foi, assim, como era dona Noilde, nesse sentido, na escola.

- Monica Reis

Eu só vim ter um contato maior quando nós passamos para a escola grande, que a gente chamava a escola grande, porque aquele prédio central, a gente chamava a escola grande. Quando ainda era do primário, ficava mais afastada. Então, contato maior com Dona Nolide foi quando nós passamos a estudar naquele prédio central e ela era uma pessoa muito austera e tinha uma personalidade muito forte. Então, nós ali, se ela passasse andando e tinha gente sentado, ela queria que levantasse porque ela estava andando. A educação, está passando uma pessoa de idade. Se você passasse, desse um bom dia, ela não escutasse, tinha que voltar e dar bom dia. Então, ela era muito rígida, ela tinha uma personalidade muito forte. E sempre a disciplina na escola foi, você estudou lá, você sabe, sempre disciplina na escola foi lá em cima e a escola foi um colégio que na época que eu estudei não tinha esses salões de festas. Então, todo presidente, toda pessoa importante ia para lá. Buffet ia para lá. Você não ia para outro lugar. Teve buffet para o Presidente da República. Eu servi Medici. Eu servi em um congresso de reitores. Tudo era nós, alunos, de farda, e íamos servir essas pessoas. Teve o Papa João Paulo II. Tem um banquete lá para ele. Então, todo era servido por nós alunos. Então dona Noilde era uma pessoa muito conhecida. Ela conhecia todo mundo, sabia de quem era filha. Você não era um aluno aleatório jogado. Não é mais um aluno dentro da escola doméstica. Ela podia não saber seu nome, mas sabia sua descendência, sua família, sua raiz. De onde que vinha.

- Aliny Pranto

É uma preocupação.

- Luana Souza

E até hoje é assim, sabia? porque quando eu entrei lá eu percebi que o tratamento com a diretora era bem diferente, né? Existe essa hierarquização bem forte na escola doméstica e como eu não estava muito acostumada e foi a primeira escola que eu entrei como auxiliar no sentido de primeiro contato com a pedagogia, então foi o primeiro contato que eu tive. E, realmente, a diretora hoje, Lucila Ramalho, conhece todo mundo. Ela sabe quem são todos os funcionários, de onde você veio. Ela faz questão de apresentar a escola até hoje. E ela é sobrinha de Noilde Ramalho, então é bem próximo. Assim, as personalidades.

- Monica Reis

Como ela foi aluna, aí passou a ser professora no tempo integral da educação infantil, passou a ser coordenadora da Educação infantil. E ela, ela é como ela, é bem segura no que faz, segura no que diz e também conhece todos. Como ela já vem lá com alunos lá de baixo, então os alunos foram crescendo com ela ali dentro da escola. Então ela conhece muita, muita família assim.

- Aliny Pranto

Mônica, como é que era a sua relação cotidiana com as professoras dessa escola? Eram todas professoras? Chegou a ter professor homem?

- Monica Reis

Tinha professor homem, tinha professora mulher. Era uma relação normal, como todo o colégio, porque, como na escola, eles terminavam aquela aula junto com a sala, então a gente ia lá para trás. Então, nossa relação era super aberta. Os professores eram tranquilos.

- Aliny Pranto

Em termos da prática do ensino em sala de aula, porque tinham as disciplinas convencionais, como você falou, e as disciplinas específicas, né? Como é que era esse cotidiano na sala de aula em termos de aprendizagem? Eram aulas mais expositivas ou tinha muito a parte prática, ou essa prática ficava só nas disciplinas que eram mais voltadas ao lar. Como é que era essa relação?

- Monica Reis

Era aula normal. Você tinha todas as matérias, tinha provas, tinha aqueles testes, tinha tudo. E na semana o horário era combinado de acordo com a matéria, tá? vamos ter uma aula de física, uma aula mais pesada. Ele já jogava depois uma aula de cozinha. Então eles faziam esse contrabalanço para equilibrar, para você ter aula de física aqui que não sei o quê, que era toda matéria de cálculo. Ela botava uma cozinha, uma tapeçaria, alguma coisa para poder dar uma relaxada.

- Aliny Pranto

E era meio período?

- Monica Reis

Meio período. Tanto tinha alunos à tarde como tinha alunos de manhã, mas todos meio período.

- Aliny Pranto

E a parte prática ficavam nesses componentes?

- Monica Reis

Era, o horário encaixava nos horários das aulas normais.

- Luana Souza

Você achava que isso dava certo?

- Monica Reis

Dava certo, sim, porque, ela também pode dizer, não sei se você, mas você não pagou essas coisas, né?

- Público 1

Nosso colégio fez ainda alguma coisa de culinária.

- Monica Reis

Isso, culinária. Dava certo sim, porque eles já faziam aquele cronograma que tinha que encaixar tudo, tudo ali não tinha negócio não. Depois do horário da aula, não, era dentro do quadro do horário normal da aula.

- Aliny Pranto

Sim. Na rotina escolar, você chegava a fazer refeições na escola?

- Monica Reis

Não, só as internas, a gente chegava no horário normal e saía no horário normal. Não vinha. Só quando a gente estava na puericultura que a gente tinha direito ao almoço, a gente já chegava, tomava café, passava o dia, almoçava a tarde, 05h30, 06h00, sempre retornava para casa.

- Aliny Pranto

Você poderia explicar para a gente direitinho como é que funcionava a puericultura?

- Monica Reis

Pronto. A puericultura, como eu falei, eram crianças e mães que não tinham condições de ser, de cuidar das crianças, então a escola buscava na maternidade uma autorização com todo aquele processo para que eles ficassem lá. Alguns chegavam com meses, três meses, outros já chegavam e outros já chegavam com mais meses. Mas eles passavam um ano, independente da data e mês que eles chegassem. E tinha todo aquele trabalho de pesagem, de dar banho, de dar mamadeira, de trocar fralda e tudo era nós que fazíamos.

- Luana Souza

Eles já vinham com nome?

- Monica Reis

Já, já vinha registrado, já vinha tudo. E a mãe, no domingo, podia passar a tarde com a criança.

- Luana Souza

E como era essa relação das mães com os filhos que passavam lá? Você via um certo tipo de sofrimento?

- Monica Reis

Não, porque assim, é que, como eu disse, eram pessoas que não tinham condições de criar. Então, para elas, ali era um alívio, porque estavam sendo crianças bem tratadas e serviu muita coisa, porque cada um da gente que sai, que lhe dão uma lembrancinha, por exemplo, um brinquedo para agradecer. Então, sim, eles eram super, super bem tratados.

- Público 1

Você falou que depois de 1 ano é que eles iam embora?

- Monica Reis

Era o período de um ano. Dependendo do mês, em quantos meses ele entrava.

- Público 1

Aí ele retornava para a mãe?

- Monica Reis

Isso, retornava para a mãe. Aí no ano seguinte já chegava outra turma de crianças.

- Público 1

Era mais um filho de mãe que não trabalhava?

- Monica Reis

Justamente, ou aquelas que não tinham realmente condições financeiras de criar o filho.

- Público 1

Eram vários níveis de idade... vocês também auxiliavam na educação?

- Monica Reis

Não, porque eles eram até um ano. Era só um bebê.

- Aliny Pranto

Mônica, além dessa disciplina de puericultura, que outras você destacaria como sendo das consideradas mais importantes naquele cenário?

- Monica Reis

A casinha prática, porque casinha prática você tinha que se virar. Você tinha que se virar com aquele pouco de alimento que ele dava. Você tinha que se virar e fazer todas as refeições.

- Aliny Pranto

Mas vocês tinham orientações antes?

- Monica Reis

Não, porque como a gente já tinha passado pela cozinha anos atrás, na casinha prática a gente só entrava no que hoje é o segundo ano do ensino médio. Então, no ensino fundamental a gente já tinha passado o primeiro ano no ginásio. A gente ia para aprender o que é, o que é cada talher, o que é cada peça. E no segundo ano a gente já ia para cozinhar, então a gente já tinha uma base de cozinha. Muitas não sabem até hoje porque não gostam. Mas você tem aquela base de cozinha, né?

- Luana Souza

E cada uma tinha as suas coisas?

- Monica Reis

Não, a escola fornecia todo o material de alimento.

- Luana Souza

Não pagava alguma taxa?

- Monica Reis

Taxa? Não, nada, nada. Eu chegava na segunda de manhã. As coisas da cozinha estavam dentro do quarto e as coisas do quarto estavam no banheiro. As coisas do banheiro estavam na sala. Você tem que arrumar a cozinha, fazer o almoço para professor para quando o professor chegar.

- Aliny Pranto

Mas era você sozinha?

- Monica Reis

Não, eu e outra. Um dia era uma dona de casa, no outro dia era a quem foi dona de casa, passava a ser empregada para casa, trocava.

- Público 2

A professora fazia algum tipo de avaliação?

- Monica Reis

Não, não tinha. Ela ia para o almoço, via a arrumação da casa, via o que você fez com aquele que você ganhou. Então tudo isso era avaliado e também era uma matéria que reprovava, todas essas matérias extracurriculares poderiam ser matérias de reprovação.

- Aliny Pranto

Bom, você falou assim, algumas não gostavam e até hoje não gostam. Tem a questão do perfil. Como é que era a relação dessas que não gostavam com as professoras e com as demais? Talvez houvesse alguma resistência?

- Monica Reis

Eu vou dizer por uma irmã minha que ela nunca gostou de cozinha, então ela ia com uma que cozinhava bem. Então ela no dia dela cozinhar, outra dava uma mãozinha, ela ia fazendo o serviço da outra, mas tinha que sair ou um almoço ou jantar que sair.

- Luana Souza

Tinha também a disciplina de etiqueta, né?

- Monica Reis

Vamos lá. A disciplina dele quer saber como você se sentar, como você saber se vestir dependendo do local que você ia. Como você postar uma mesa para diversos serviços, como serviço francês, um churrasco, dependendo do serviço que ia ser exposto naquele evento. Tudo isso incluía. Qual a taça de vinho, qual a taça de água, qual o talher de peixe, qual vai de frango, qual talher de carne. Isso tudo você tem que aprender e saber como postar na mesa.

- Luana Souza

Inclusive, quando eu trabalhei na secretaria, muitas coisas eu aprendi com a secretária de etiqueta e não era nenhuma coisa que eu perguntava, por exemplo, se eu errasse em alguma coisa, até de posicionar o copo diferente, ela dizia “Luana, você coloca dessa forma”, “Luana, quando você receber um presente, abra na frente da pessoa”. Eu aprendi a abrir o presente na frente da pessoa. Então, muitas coisas, até hoje, a etiqueta é uma coisa muito marcante, muito marcante mesmo. Os lugares que se posicionam, né? Tem algumas salas que não tem mais acesso lá, que era a secretaria. Aquela sala que fica para o lado do banheiro.

- Monica Reis

É o salão nobre, são peças antigas que vieram da Escola da Ribeira. Sim, ela só é aberta no final do ano, quando tem a colação de grau dos alunos. Quando tem algum evento assim, acontecimento extra, que aí eles abrem esse salão. Mas, não, aluno não tem acesso.

- Luana Souza

E, se eu não me engano, as coisas estão posicionadas há muitos anos do mesmo jeito. Não muda de lugar, não muda de lugar.

- Monica Reis

São aqueles móveis com aqueles tecidos que é todo trabalhado, que eu não sei como é o nome,

que tem uns desenhos de mulher, aqueles bordados assim e as cadeiras antigas, que era o seguinte, o espelho ainda é o mesmo da fundação da construção da escola, com aquela moldura de madeira talhada todo trabalhada. Então é o mesmo espelho.

- Luana Souza

O lugar que a gente descansava na escola são as camas da época das internas. E é interessante, sabe como o lugar, né Mônica? Lembra uma coisa que não foi nem minha, porque quando eu entrei era assim “Luana, você vai descansar aqui nessa, nesse quarto”, né? E tinham muitas camas, camas antigas, camas, guarda-roupas. Aí eu olhei assim “Nossa, como eu tive uma sensação assim ver? Porque um lugar de memória, um lugar de memória, né? Eu me senti interna quando eu entrei, eu me senti interna. Eu vi as alunas. Uma coisa bem interessante como o lugar forte, né?”

Monica Reis

E o internato era uma coisa assim, muito rigorosa. Então, como tinha muita gente de fora, era 100% de responsabilidade dos professores da escola, aquelas meninas ali dentro. Às vezes você é muito danada. O pai “não, vou lhe mandar para o colégio interno”, então a responsabilidade é de quem recebe. Então, assim, era uma coisa muito rigorosa. Elas iam para a missa todo sábado, ali na Santa Terezinha, ia três ou quatro professoras acompanhando da missa. Já voltava para a escola. Elas só saíam se tivesse uma autorização, senão passava todo um tempo dentro da escola. Pronto, eu era muito próxima de uma menina de dentro do Maranhão. Então eu falava com a escola que queria que ela fosse no final de semana lá para casa, a escola entrava em contato com a família para saber se a família autorizava aquela interna e o final de semana para minha casa. Ela chegava no sábado de manhã. No domingo, final da tarde, retornava para a escola, então que tinha todo esse trâmite para poder a aluna sair para a casa de uma pessoa do qual a família não conhecia, mas a escola dava todo o histórico da família para poder ela poder sair de sua casa.

- Aliny Pranto

No caso dessas alunas que eram internas, elas tinham um horário compartilhado com vocês, com essas disciplinas, tanto as convencionais como as práticas. E aí, do outro turno, quando vocês iam para casa, elas tinham outro conjunto de atividades?

- Monica Reis

Tinham outras atividades com professores da escola dentro do espaço delas, no primeiro andar, porque como é um, então o era todo quartos e banheiros e tem um terraço central que vocês já foram da escola que era tem uma sala de estudo no primeiro andar, então eles tinham um horário de tomar o banho. Elas tinham o horário de descer para as refeições, elas tinham os guarda-roupas. Era uma bandinha de guarda-roupa por interna. Você tinha que estar com suas toalhas, seus lençóis, todo enroladinho para poder caber sua roupa de cama, sua roupa pessoal, tudo ali dentro, daquele lado do seu guarda-roupa.

- Aliny Pranto

E elas voltavam para a família no final do ano?

- Monica Reis

Elas chegavam para o início do ano. No meio do ano, voltava para casa, voltava no segundo semestre e no final do ano.

- Aliny Pranto

Nessa rotina com as internas, elas terminavam também, fazia todo o ciclo junto com vocês, né? E havia também uma preocupação, tanto as internas como as que não eram internas, com a parte da preparação física e com a parte da aprendizagem de línguas estrangeiras?

- Monica Reis

Porque quando eu cheguei na escola só tinha o inglês, então era o inglês de colégio. Sim, elas não saíam para ir para um cursinho fora, então era o inglês do colégio.

- Aliny Pranto

Em todas as atividades, elas ficavam ali restritas à escola.

- Monica Reis

É.

- Luana Souza

Sobre o internato. Eu me lembro que nos quartos em cima era aberto e aí eu lembro, mas não lembro agora quem me falou, mas eu lembro que falavam que elas não tinham muito contato entre si. Assim, era um dos grupos, né? E aí elas pulavam, eram um quarto para o outro.

- Monica Reis

É porque, assim, a gente não podia ir lá para cima. Então, eu não sei o que dizer desse quarto que quando eu fiquei interna de puericultura, eu fiquei naquele primeiro quarto que dá para sacada na frente da escola e hoje é o museu. Sei que ali eram 3/4, então, era parede total.

- Aliny Pranto

Era um espaço separado. Mônica, depois que encerra esse ciclo na escola, são dez anos que você passa ali. Eu acredito que foram muitas relações construídas, até porque você relata que até hoje mantém esses contatos com essas ex-alunas, né? Mas como é que foi fechar esse ciclo, passar dez anos, essa convivência tão intensa e depois encerrar esse ciclo? Como é que você se vê, se viu e se colocou após esse período da escola mesmo?

- Monica Reis

Assim, quando a gente termina a escola, separa um pouco, porque umas casam, outras vão trabalhar, então fica aquela coisa aí vai tendo filho. À medida que os meninos vão se organizando, a gente voltou e juntou-se novamente. Então, a gente sempre pronta. Agora em agosto, nós fizemos uma festa de 45 anos, terminando a escola. Agora em dezembro já vai ter outro aí com banda, com música, com tudo. A escola sempre comemorou o aniversário de 1 de setembro. Sempre. E é no dia primeiro. Pode ser independente de qualquer dia que seja da semana. Sempre é primeiro. É uma festa muito grande.

- Luana Souza

E na maioria das vezes as ex-alunas vêm até a escola.

- Monica Reis

Dos 100 anos da escola nós vendemos 1200 senhas só para ex-alunas. Você não leva o marido, você não leva ninguém. Só ex-aluna.

- Luana Souza

Inclusive, Mônica fica muito responsável à frente dessa festa.

- Monica Reis

Porque hoje eu faço parte da Associação das Ex-alunas. Então eu estou na frente da festa da escola, a gente comemora o São João, a gente comemora a Páscoa e comemorou o Natal.

- Aliny Pranto

Quando surgiu essa associação?

- Monica Reis

Eu entrei na Associação em 2017. Foi. Eu não sei lhe dizer quanto tempo, mas ela ficou mais, porque antes quem organizava o estudo era a própria escola. Sempre era uma feijoada, um negócio. E à medida que vai entrando pessoas mais novas na associação, eles vão atualizando. Bota uma banda, bota uma música. Aí vai melhorando. A quantidade de adeptos aumenta. Se você tem uma banda, né?

- Luana Souza

É como essa festa, o que vocês fazem lá?

- Monica Reis

A banda, esse ano teve um churrasco, teve duas bandas, têm as famílias, as camisas, a camisa personalizada e são todas as ex-alunas de qualquer idade, porque nós temos lá atrás onde era a casa de campo, hoje a gente chama “a sede campestre”. Tem um espaço bem grande, todo cimentado com uma cozinha e tem banheiro. Então, todas as festas são feitas lá. Então, ainda tem a cadeira, palco. Porque mesmo se for dia de aula, não vai atrapalhar a aula porque é super longe das salas de aula, então não tem problema.

- Luana Souza

É muito grande.

- Monica Reis

Porque antes a gente fazia o jardim feito o refeitório. Aí deu o problema de aula aqui e ali. Então, depois que foi feita essa sede campestre, então tudo é feito lá, festa do professor, Festa de São João, Encerramento, o escoteiro que ocupa muito, que lá tem um grupo no escoteiro, então 90% são ocupado pelo escoteiro, pelas atividades dele lá.

- Aliny Pranto

A intenção inicial e principal da associação foi promover essa confraternização.

- Monica Reis

É, sempre teve a festa dos ex-alunos, sempre teve. Era só uma feijoada, com tudo sentado, conversando. Aí foi modernizando, porque se você não fizer isso, você não traz o ex-aluno novato. Se você fizer só uma feijoada, ele não vai. Né? Eu até falei já para sim para atual presidente: “Márcia, a gente tem que inovar essa festa, porque eu noto que só vai quem tem 50 anos, 40 e pouco, quem terminou com 19, 20, 25 anos não vai porque não é a festa, não é o estilo de festa”. Tem que ter uma atração para uma pessoa de mais idade, tem que ter uma atração para pessoa mais nova, porque senão vai terminar acabando.

- Luana Souza

Mas realmente. Eu ficava nessa parte das inscrições, porque todas as inscrições são feitas na secretaria presencial. Tem que ir lá fazer inscrição. E realmente, eu percebi que o público é mais das turmas mais antigas.

- Monica Reis

E eles sempre comemoram. A turma de 25 anos e a turma de 50 anos podem fazer uma camisa diferente, mas com a mesma logo. A cor pode ser diferente. Eles fazem um bolo. Você pode decorar do jeito que quiser, contanto que você vá para a festa.

- Público 2

Boa tarde, meu nome é Juliana. Eu fiquei me perguntando em relação aos alunos internos se alguns apresentavam uma certa resistência de ficar lá longe da família.

- Monica Reis

Tem até aquela resistência, mas com o tempo vai acostumando, porque, no primeiro mês, você tem saudades e tem o costume de sua casa, você está várias pessoas de vários lugares do Brasil. Não era só no RN. Na minha turma tinha de Manaus, do Rio Grande do Sul, vinha de Maceió. Então você tem culturas diferentes, sotaques diferentes, pessoas que você nunca viu na vida. Eu tenho amigas que foi todo o tempo interna da escola.

- Luana Souza

A maior parte da vida dela foi na escola.

- Monica Reis

E outras já saíram para fazer vestibular. Na sua cidade, por praticidade e porque lá ela pagava, por exemplo, ela pagava o conjunto que incluía o interno e incluía a aula normal, né? Terminando ali tem que pagar um apartamento, tinha que ir lá alugar alguma coisa pra poder ficar pra poder fazer uma faculdade fora, né? Então, muitas terminam concluindo ou então se concluindo já foram logo de volta. Não fizeram faculdade aqui.

- Aliny Pranto

Do período que você estava, não tinha ainda o Henrique Castriciano, ele é criado posteriormente, mas como você tem outras pessoas na família que vivenciaram o cotidiano da escola, você percebeu alguma mudança mais estrutural quando tem também a abertura do Henrique Castriciano?

- Monica Reis

Não, eu acho que ficou a mesma coisa porque eram dois colégios. Hoje não é um colégio. Hoje é um complexo. Então, eram dois colégios. Então, como minhas meninas foram da escola e o meu menino do Henrique, até o Fundamental um era tudo junto. A partir do Fundamental dois, que os meninos iam para o Henrique e as meninas tinham a opção de qual colégio querer ficar, mas era a mesma grade curricular, tudo igual.

- Luana Souza

E no caso, você pegou a época em que trouxeram os meninos?

- Monica Reis

Não, porque hoje, hoje que tá os dois colégios juntos. É a partir do Complexo Noilde Ramalho que ficou um colégio só, mas antes era o Henrique Castriciano só e a Escola Doméstica, eram colégios diferentes.

- Aliny Pranto

Inclusive, com currículos diferentes.

- Monica Reis

Era, porque a menina já tinha essa parte prática e os meninos do Henrique Castriciano ou as meninas que estudavam não têm essa parte prática. Só as que estudavam na escola, como a farda. A farda da escola era branca, a deles era uma calça comprida de couro. A escola sempre foi aquele vestido branco. Mudou agora, né?

- Aliny Pranto

E você identificou, nesse período mais recente da escola, porque a farda branca permanece por muito tempo. Eu lembro que à época eu estava numa outra escola, mas a gente se encontrava nos JERNS da escola e as meninas muitos iam com o branco, né? E nessas últimas gerações, havia críticas ou resistências também a esse tipo de fardamento?

- Monica Reis

Principalmente as meninas, aquelas...

- Aliny Pranto

E para quem não conhece, poderia descrever, desculpa, descrever como era esse fardamento?

- Monica Reis

Nosso fardamento era um vestido branco, tanto no primário como a partir do ginásio, que hoje é fundamental II, era um vestido branco, as crianças de manga curta e os adultos manga comprida. Tinha que ser oito centímetros acima do joelho. Se fosse mais curto na hora era tirado o abanhado e você ia fazer o abanhado para ficar até oito centímetros acima do joelho, então era uma coisa muito rigorosa o fardamento. E por ele ser branco, você tem que estar sempre com ele limpo. Por ele ser branco.

- Luana Souza

Já era outra etiqueta.

- Monica Reis

Já era outra etiqueta.

- Aliny Pranto

E Mônica, como é que era então para essas crianças menores lidarem com esse fardamento branco?

- Monica Reis

Quando eu estudei, a gente tinha um avental para evitar a tal sujeira. Então, de acordo com seu ano do primário, pronto, eu comecei o primeiro ano primário com meu avental inteiro quadriculado de azul. Eu ia para o segundo, eu levava o mesmo avental. Quem terminava o

quarto já voltava. O primeiro era azul, o segundo era amarelinho, o terceiro era rosa. Então, à medida que ia passando o ano, você ia levando seu avental. Quando você terminava, voltava o rodízio para lá em casa nós éramos quatro. Se todo mundo fosse mudar o avental, então você fazia o seu primário todo com o mesmo avental para evitar. E a nossa farda de manga comprida que se chamava farda de gala. A gente também tem um avental grande que é aberto aqui na lateral, só que sem manga. A manga era da própria farda para evitar mais sujeira e era de abotoadura. A farda era fechada como todo.

- Aliny Pranto

Aí as atividades que envolvessem, que mesmo com avental, imagine para as crianças pequenas, era um pouco difícil, né? Você tinha espaço de parque, de recreação e ia com esse uniforme?

- Monica Reis

Esse uniforme, o único uniforme específico era só para a educação física, que era um outro uniforme. Era um short ou aquela malha, dependendo do ano, né? Ou era aquela bainha tipo maiô, era short ou era bermuda, dependendo do que aconteceria.

- Luana Souza

E o tênis, branco preto?

- Monica Reis

Sapato boneca branco? Não era preto. Era um sapato boneca branco.

- Aliny Pranto

Aquele sapato com salto.

- Monica Reis

Para a Educação Física, era tênis. O tênis passou a partir com a chegada do Henrique, foi aí que chegou o tênis, tanto para a escola como para o Henrique. Eu achava muito feio. Não sei se é porque eu era acostumada a sempre ter o sapato branco.

- Aliny Pranto

É porque a proposta da farda foi pensada para o padrão. Descaracteriza.

- Monica Reis

E no começo, a farda da escola era a farda de fustão. Era uma farda do tecido que um risquinho. Depois passou a ter outros tecidos misturados com poliéster.

- Luana Souza

E o cabelo normal, né?

- Monica Reis

Não. Se você fosse amarrar, tinha que ser ou com alguma coisa branca ou com alguma coisa assim tipo tartaruga. Não podia ser nada de couro que destacasse. Meia branca, sapato branco. Quando tinha o desfile do 7 de setembro de todos os colégios, a gente ficava sem nada no cabelo. Não há nada no cabelo. Nem branco, nem de tartaruga, cabelo solto.

- Aliny Pranto

Você percebia na época, Mônica, por parte das alunas, principalmente quando chegam na adolescência, movimentos de crítica ou de resistência a seguir a essa norma da escola ou não, ela já estavam, em geral, elas perduram, isto é, alunas novas, acredito eu. No decorrer do percurso elas já estavam bem em conformidade com elas.

- Monica Reis

O problema que tem na escola era o problema do cigarro, como todo colégio tinha, né? O pessoal da adolescência querendo começar a fumar, querendo ser gente e ir para a pista de atletismo, porque a pista era toda contornada de eucalipto, então você tem um certo esconderijo em si e até você chegar na sala a catinga continuava pendurando.

- Aliny Pranto

E havia punições para isso?

- Monica Reis

Às vezes, quando a professora lhe pegava com o cigarro, não só com o cheiro.

- Aliny Pranto

Em relação aos meninos, havia também situações em que tentava se burlar ou sair, ou saídas da escola escondido, pensando para quem era interna, para ter contato com os rapazes?

- Monica Reis

Mas a vigilância era muito rígida. As mulheres vinha mais assim, pronto, eu estou na escola, eu não podia sair agora gazejar aula, e tem aquelas que gazeavam, que tentavam pular o muro, mas já tinha alguém do outro lado que pegava. Mas com internamento era muito difícil, porque era muito, muito, muito, muito rigoroso.

- Luana Souza

No caso, como era essa advertência? Você chegou a ver alguma coisa?

- Monica Reis

Não. Quanto as internas, não. Porque elas ficavam lá para cima e a gente não tinha acesso.

- Aliny Pranto

Mas a turma em geral, quando havia algum tipo de punição, como costumava ser advertido?

- Monica Reis

Não, era mais assim, de você chegar atrasado na aula, o professor reclamava uma vez, se você chegava a terceira vez, ele levava para a direção. Aí na chamava e reclamava. Era mais essas suspensões. Elas sempre iam para a direção.

- Luana Souza

E como era a sua relação com a secretária? Desculpa falar.

- Monica Reis

Mas não fiquei com a dona Margarida. A gente não tem muita aproximação como tem hoje. E, assim, hoje Adriana é uma pessoa que, como ela foi professora de muitos alunos, então a relação dela é diferente da de Dona Margarida que sempre foi secretária e era aquela secretária de

antigamente, como dona Noilde.

- Luana Souza

Elas eram bem amigas, né?

- Monica Reis

Muito próximo da Margarida e dona Noilde. Dona Noilde era aquela pessoa que nunca deixou de participar de nada na escola. Eu mesmo fui em um evento lá do dia do livro, alguma coisa, sei lá, marcasse as nove, podia ter uma pessoa, eu e ela, ela começava. Era muito rigoroso. Muito pontual.

- Aliny Pranto

Quanto à formação das professoras e professores que atuavam lá, também a própria formação, mas também a própria postura. Havia um perfil específico que a escola contratava?

- Monica Reis

Olha, o tempo que eu fiquei na escola foram quase sempre os mesmos professores. Uma continuidade. Aí sim, tinha aqueles que eram específicos, mas eram sempre os mesmos professores. Não era uma casa que você todo ano tinha gente nova, não. Hoje existe uma rotatividade maior. Mas na minha época, não.

- Aliny Pranto

Mônica, você falou agora que era uma casa que não tinha tantas mudanças. E Luana abriu falando de casa, se referindo a casa. De onde veio essa referência? A escola doméstica como casa?

- Monica Reis

Eu não sei, isso eu não sei informar, porque hoje mesmo quando eu for para a escola, eu tô lá. Aí a Adriana diz “fulaninho vai fechar a porta da casa. A porta que dá para o refeitório, a porta da casa da prefeita”. Então elas têm aquilo, como Luana disse, como uma casa que é, elas passam o dia todo, então você está mais na escola do que na sua casa. Você chega às dez horas da noite, onde você tá dormindo, você não está desfrutando do ambiente na escola, você tem todo dia ali, você está desfrutando dele ou da sua sala, ou ali por perto. Mas você está aí se chamando em casa.

- Aliny Pranto

Tem mais alguma pergunta que a gente vai passar, vai se encaminhar para o bloco das considerações finais. Mas se alguém tiver alguma pergunta... Mariana, por favor.

- Público 1

Tenho uma pergunta em relação às disciplinas práticas. Tanto puericultura, casinha prática e culinária, né, como essas disciplinas, tinham algum conteúdo teórico também?

- Monica Reis

Não, a gente vem aprendendo antes para poder ir lá na frente para trabalhar com que a gente aprendeu. Agora a puericultura a gente tinha aula teórica, só a puericultura.

- Público 1

Essas outras já iam direto para a prática?

- Monica Reis

Já ia direto pra cozinha, já ia direto pro croché, já ia direto para a costura, só para puericultura que a gente tinha uma... não era o ano todo, mas a gente tinha algumas aulas para podermos saber como tratar uma criança, com aquilo tudo.

- Luana Souza

E tinha horta também, né?

- Monica Reis

Tinha a horta, mas aí eu já não peguei. Na minha época, não, já não tinha outra. Hoje tem no tempo integral, né? Eles fazem lá.

- Público 1

Em relação às teóricas... tinham práticas, aulas práticas?

- Monica Reis

Tinha na parte de biologia, de física e química tinham os laboratórios, que hoje eles estão associados com a UNI-RN.

- Aliny Pranto

Ao longo desses anos, Mônica, se passou dez anos como aluna, depois como mãe de alunos, né? já tem até a terceira geração estudando na instituição. Como você avalia as mudanças pelas quais a escola passou ao longo desses anos? Tantos aspectos que você considera positivos, como também as possíveis críticas que você tem?

- Monica Reis

Eu acho que a escola não poderia continuar com essas aulas práticas que eram fora o curricular, porque o mundo está evoluindo, você tem que evoluir junto com o mundo. Não pode parar para estar fazendo tapeçaria, você pode parar para fazer uma aula de informática, você tem que crescer de acordo com a evolução do mundo. Assim, eu acho estranho por não ter mais essa matéria, porque isso ajuda muito. Eu, hoje, faço tudo. Faço todo trabalho manual. Hoje eu consigo e faço tudo o que eu quero fazer. Com internet, sem internet, revista. Eu faço um trabalho manual. Para quem gosta da coisa, né? Mas para aquelas que não gostam passou ali como uma obrigação que tinha que fazer e tudo bem. Mas para quem gosta... eu, para mim, foi um máximo essas aulas práticas me ajudou muito.

- Aliny Pranto

Trouxe uma influência para sua vida.

- Monica Reis

Aí eu já tinha minha avó que fazia crochet. A mãe também sempre gostou do trabalho manual. É uma coisa vai, vai, vai na outra e aí a gente vai levando.

- Aliny Pranto

Mônica, quando você saiu da escola, você se casou em seguida?

- Monica Reis

Não, eu não passei no vestibular e fui trabalhar em banco, como bancária dez anos e resolvi fazer vestibular. E passei. Ainda era UNIPEC. Eu fiz a formação do executivo voltado para a área administrativa. Aí casei, tive seis filhos e continuei em casa, trabalhando com a área de artesanato.

- Aliny Pranto

Que tinha uma ligação...

- Monica Reis

Tinha uma ligação com o que eu fiz lá atrás na escola.

- Aliny Pranto

Tem uma referência... Passado todo esse período, como é que você faz o balanço da sua vida, Mônica, vinculado com essa experiência com a escola que continua, que pelo que eu entendi...

- Monica Reis

Vou lá toda semana, duas, três vezes por semana, participo de festa de professor, participo do Natal do professor, como se eu fosse da casa, como diz Luana, mas eu participei de tudo. Sempre estou lá, presente em tudo. Às vezes eu tô lá muito bem, com saudades. Você imagina daqui pra lá, pra cá, fazendo minha cabeça. Fecha, fecha ou faça isso. Eu vou lá. Uma vez eu fui lá e tem uma decoração fora de lugar, aí eu falei “para, que coisa horrorosa! Vamos mudar”. Aí fui lá porque ia ter um monte de gente lá, andar com umas guirlandas pra poder pendurar. Então eu continuo com a mesma ligação, mesmo sem ser funcionária da escola. Mas sempre gosto demais de ir lá. Me dou superbem lá com todos, do porteiro ao jardineiro. Claro, converso com todos. Não tem discriminação de cargo de nada não pra mim. Eu só parei na época que eu trabalhava no banco, que eu não ia muito. Trabalhei 16 anos e não tinha como ir para a escola, mas depois voltei.

- Aliny Pranto

Construir uma identidade.

- Público 1

E logo morando ali na frente, só atravessar a rua.

- Público 2

A senhora foi funcionária por algum período?

- Monica Reis

Nenhum período, sempre fui ex-aluna e esse contato foi de sempre, porque como os meninos estudaram lá, eu participava de tudo. Nunca deixei de participar de nenhuma festa de fim de ano, às vezes não podia, mas dava um jeito. E hoje continuo por lá.

- Público 1

A casa da senhora é qual?

- Monica Reis

Na Avenida Hermes da Fonseca. Num tem uma casa que tem umas cadeiras na esquina, uma casa cor de rosa bem antiga? É a minha.

- Público 1

Essa casa é linda! Eu amo essa casa.

- Monica Reis

Tem muita gente daqui da área de arquitetura, uns primos meus que já se formaram, foram fazer lá e minha casa da construção é tudo original, tudo, banheiro, cozinha.

- Aliny Pranto

Mas ela desde o início era sua ou de uma outra pessoa?

- Monica Reis

Meu avô construiu e meu avô morava na Ribeira e aqui era o sítio. Então, ele construiu aquela casa lá. E é tanto que quando a construção ainda não tinha escola no térreo da escola, era a Escola de Cavalaria.

- Aliny Pranto

Ah, então é uma construção de fins do século XIX para o início do século XX?

- Monica Reis

Final de XX. A construção, o término da construção é da década de XX. Então, meu avô morou lá, passou para meu pai e agora tá comigo, meio que com os irmãos, né?

- Aliny Pranto

Alguém tem mais alguma pergunta? Luana?

- Luana Souza

Não, não, não.

- Público 2

Eu acho que todo mundo conhece aquela casa, bem, sabe?

- Público 1

Também, foi por isso que eu perguntei. Lá em casa minha irmã é arquiteta e a gente sempre fala 'aquela casa'. Eu fui na escola faz umas duas semanas, eu fui lá e a gente passou pela casa e disse "essa casa nunca pode sair daí".

- Monica Reis

Eu morava na rua Apodi, aí o início da pandemia minha mãe adoeceu, então eu me mudei pra casa dela porque tenho uma comunicação da minha casa para da minha mãe. Então, desde 2020 que eu estou direto. Ela faleceu e eu fiquei lá pra casa não ficar fechada porque senão acaba, né? Então mora eu e uma filha e os outros dois. Mas assim é mais pra dormir, para a casa ficar aberta, para não ficar fechado o dia todo aí.

- Aliny Pranto

Monica, se quiser fazer alguma consideração final fique à vontade.

- Monica Reis

Só agradecer essa oportunidade a ela, que já conhece a escola. Ajudar aqui minha colega Luana, que ela ligou muito apressada e eu disse “não, pode contar comigo que eu estarei lá”.

- Aliny Pranto

Nós agradecemos enormemente seu tempo, sua disponibilidade e sua narrativa, que é tão rica em detalhes e com certeza contribui muito para o trabalho de Luana. O nosso muito obrigado. Obrigado a vocês. Obrigada, Mônica. Quando ela for fazer defesa, nós a convidamos e você será muito bem-vinda, com certeza.

- Luana Souza

Muito obrigada! Eu sabia que desde o início você conseguiria narrar perfeitamente, porque ela sempre... eu não sei se você lembra, ficava perguntando, trabalhando e conversando, e ela sempre muito atenciosa e respondendo. E muito amiga de Adriana e às vezes até trabalhava. Alguém se ela trabalhou, eu digo que já, só não era remunerado.

- Monica Reis

Eu sou um funcionário sem remuneração (risos).

- Aliny Pranto

Obrigada, meninas! A gente encerra aqui. Queria agradecer a todos que participaram conosco, tá certo? Em breve essa moça vai estar concluindo a escrita do trabalho e aí ela vai fazer também a divulgação das datas, do local, tudo certinho, mas já estão convidadas e agradeço a presença de vocês também. A gente tem um suquinho aqui, quem quiser, no final, fique a vontade, tá? Muito obrigada! Muito obrigada!